

Impresso

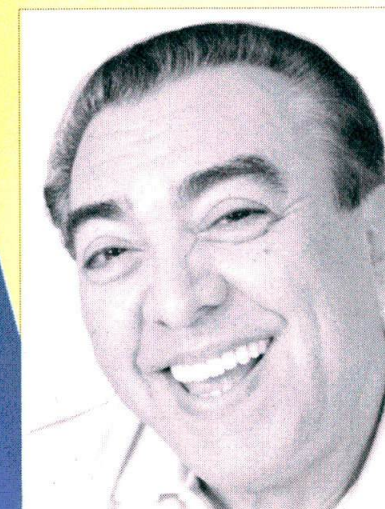
444/2003/DR/BSB

CÂMARA

LEGISLATIVA

...CORREIOS...

**Mauricio
de
Sousa**



**Gênio
da
história
em
quadrinhos**



**DF
LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IX

Nº 111/116

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Brasília

45 anos

**Patrimônio
da humanidade**

*Brasília
Capital bandeirante da nova civilização
do III Milênio
antecipação do futuro do mundo*

Pietro Ubaldi

S. Vicente - 3 de Setembro de 1957

(Pietro Ubaldi)



Câmara Legislativa do Distrito Federal

Fábio Barcellos

Presidente

Chico Floresta

Vice-Presidente

Wilson Lima

1º Secretário

José Edmar

2º Secretário

Peniel Pacheco

3º Secretário

Coordenador: João Carlos Taveira. **Conselho Editorial:** Alex Cojurian, Augusto Estellita Lins, Clovis Sena, Flávio Kothe, José Santiago Naud, Luiz Manzollito, Marcos Lisboa, Newton Rossi, Paulo Pestana. **Conselho Consultivo:** Affonso Heliodoro (IHG-DF), Antonio Carlos Osorio (ABRL), Branca Bakaj (ANE), José Geraldo (ALBr), José Prates (ALDF), José Simões (ATL), Júlio Capilé (AML), Mauro Castro (ALB), Wadin Arsky (ALMUB), Vitor Alegria, Heitor Andrade. **Coordenador de Editoração e Produção Gráfica:** Randal Junqueira. **Coordenador Substituto:** Oscar R. M. Monterrojas. **Assistente da Coordenadoria:** Luiza A. de Mendonça. **Programação Visual:** Marcos Lisboa. **Editoração Eletrônica:** Apolo Guandalini. **Fotografia:** Fábio Rivas, Silvio Abdon, Carlos Gandra, Rinaldo Morelli, Arquivo Público do DF, SETUR e EMBRATUR. **Revisão:** Anamaria S. Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar, José Afonso de Sousa Camboim e Vania Maria Rego Codeço. **Digitação:** Gilberto Lucas. **Chefe da Seção de Editoração:** Dezival R. dos Reis Junior. **Equipe:** Adenilson dos S. Chaves, Ana Beatriz Caçador, Antônio Eufrauzino, Claudio Gardin, Dino Souza, Helio Araújo, José Cícero M. Franco, José Eugênio, José Rocha, Luci Cardoso, Marcelo Perrone, Margarette de Resende, Marizete Araújo e Nelci Stein. **Chefe da Seção de Produção Gráfica:** Armando Laurindo da Silva. **Equipe:** Abimael A. da Silva Roma, Antônio A. dos Santos, Carlos Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Francisco Cristiano Bezerra, Glacy Antunes, Guilherme Bacalhao, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, João Batista Neto, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José Luiz Bergamaschi, José Teles de Albuquerque, Karine N. Ramos, Kleber Salles, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Otinel Fonseca, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Roberto R. M. Rios, Samuel M. Tavares, Sandson B. Azevedo e Silvio R. Fonseca.

Tiragem:

5 mil exemplares. Esta edição compreende os números 111/116, meses de setembro de 2004 a fevereiro de 2005. Os autores das matérias publicadas não recebem nenhum valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das matérias.



Deputados Distritais

Agrício Braga – PFL	3348-8072 a 3348-8073
Aguinaldo de Jesus – PL	3348-8140 a 3348-8141
Anilcéia Machado – PMDB	3348-8180 a 3348-8181
Arlete Sampaio – PT	3348-8160 a 3348-8161
Augusto Carvalho – PPS	3348-8030 a 3348-8031
Benício Tavares – PMDB	3348-8080 a 3348-8081
Chico Floresta – PT	3348-8120 a 3348-8121
Chico Leite – PT	3348-8060 a 3348-8061
Chico Vigilante – PT	3348-8110 a 3348-8111
Eliana Pedrosa – PFL	3348-8010 a 3348-8011
Erika Kokay – PT	3348-8090 a 3348-8091
Eurides Brito – PMDB	3348-8220 a 3348-8221
Expedito Bandeira – PMDB	3348-8050 a 3348-8051
Fábio Barcellos – PFL	3348-8040 a 3348-8041
Ivelise Longhi – PMDB	3348-8150 a 3348-8151
João de Deus – PMDB	3348-8100 a 3348-8101
José Edmar – PRONA	3348-8240 a 3348-8241
Júnior Brunelli – PP	3348-8190 a 3348-8191
Leonardo Prudente – PFL	3348-8130 a 3348-8131
Maria da Guia – PSDB	3348-8210 a 3348-8211
Odilon Aires – PMDB	3348-8200 a 3348-8201
Paulo Tadeu – PT	3348-8020 a 3348-8021
Peniel Pacheco – PDT	3348-8170 a 3348-8171
Wilson Lima – PRONA	3348-8050 a 3348-8051

Redação

Fone:
(61) 3348-8959

Fax:
(61) 3348-8413

E-mail
df-letras@cl.df.gov.br

Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural - CEP 70086-900 - Brasília-DF - Fone: (61) 3348-8000

Nesta manhã de sol – turquesa rara –
De céu azul e pássaros cantando
Como sou grato a ti, que endeixas ando
Tecendo, sobre o amor que esta alma aclara...

Subitamente, abruptamente, pára
– Quando em ti penso, carinhoso e brando, –
Tudo o que vive, e que vai se agitando
Nesta manhã sensacional, tão clara.

E no silêncio, que se faz profundo,
Ouço o meu coração a soar no mundo,
Como um tambor de glória e alacridade.

Canto à vida e sou grato! Eu amo a vida
E devo a ti, somente a ti, querida,
Esta festa interior de claridade!

Tu vens do bem. Do justo. Vens do nobre.
Vens para suavizar minha loucura...
Tudo que é certo e belo a tua alma cobre.
És franca e leal, acrisolada e pura.

Faço de ti meu culto. Toda a jura
De enlevo e amor que te formule é pobre.
Pois, para definir-te a Luz é escura,
O tudo é pouco, a alacridade é um dobre...

Teu amor santifica, a ti, que me amas,
E a mim, que sou reverberante em chamadas
De intenso amor por ti, minha querida.

És um batel que vem do sol nascente,
Barco de treva eu sou, que, de repente
Nos cruzamos em meio ao mar da vida...

Manhã bonita
Soneto de amor
□ ÁUREO MELLO

Caro leitor,

Dizer que a história pode ser contada de várias formas é apenas uma forma de defini-la. Esta edição da **Revista DF Letras** traz um dos escritores mais inventivos do panorama cultural infantil brasileiro. Maurício de Sousa não é só um escritor e desenhista de histórias em quadrinhos, mas um criador bem-humorado de personagens que retratam a vida de milhões de brasileiros. Criança ou adulto, no fundo, cada um tem uma Mônica, Cebolinha, Chico Bento, Cascão ou um dos 200 personagens de Maurício dentro de si.

Ao mesmo tempo em que destaca esse gênio da história em quadrinhos nesta edição da DF Letras, a Câmara Legislativa se prepara para homenageá-lo com a entrega do título de Cidadão Honorário de Brasília, por projeto de minha autoria.

Outra figura ímpar que emoldura as páginas desta edição é Lourenço Cazarré. Escritor e jornalista com 28 anos de profissão e morando em Brasília desde 1977, Cazarré conta com 20 livros publicados, todos dedicados aos jovens, com os quais construiu grande intimidade por meio de palestras em escolas. É autor de O mistério da obra-prima, A cidade dos ratos e Um velho velhaco e seu neto bundão, histórias cercadas de mistério, emoção e aventura.

Vários documentos e artigos dão cor especial a este número da DF Letras alusivo aos 45 anos de Brasília, como o do jornalista Manuel Mendes e o de Jarbas Silva Marques, vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do DF.

E, para refletir e descontraír, um poema de Henriques do Cerro Azul, "Visão de Brasília", faz comparações de Brasília com o sonho grego de Hércules. O leitor vai encontrar, ainda, o passeio de Renato Vivacqua sobre o fraseado imaginativo dos compositores populares e o estudo da cantora lírica Valdenora Pereira sobre a música brasileira no século XX, duas paixões de Juscelino Kubitschek.

Boa leitura!

Fábio Barcellos

Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal

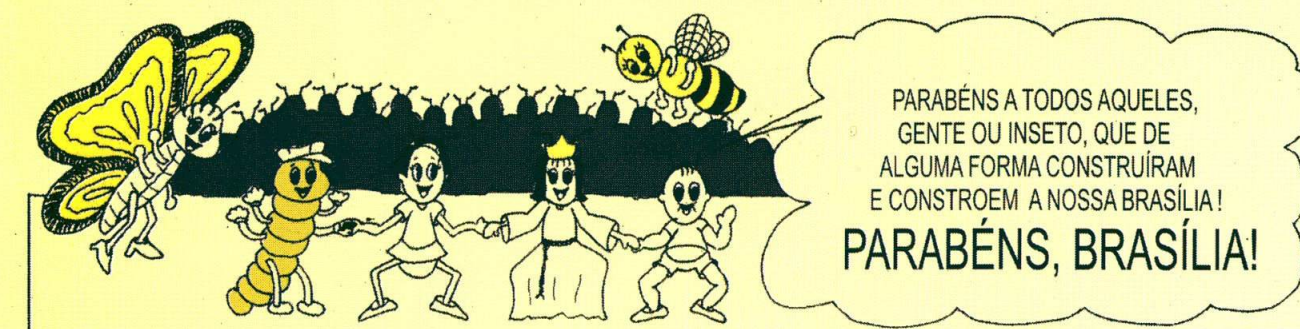
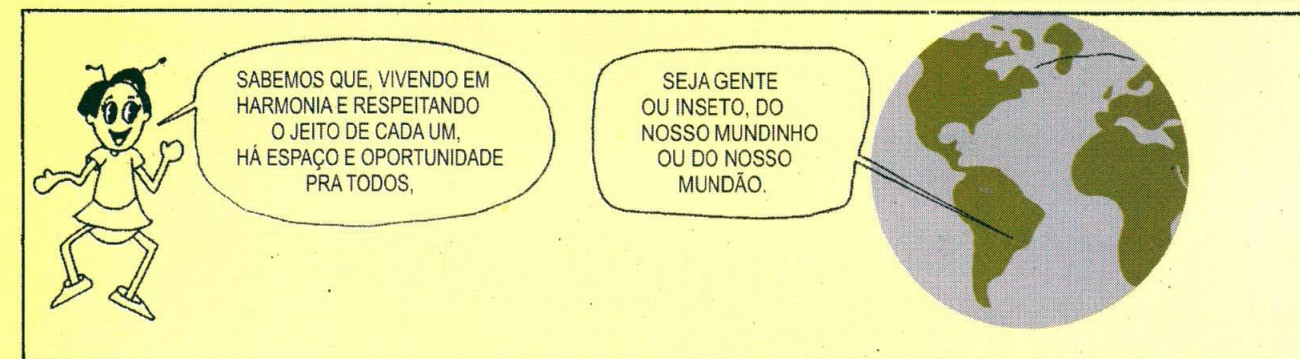
ENTRE

Maurício

Histórias em Um mundo crianças

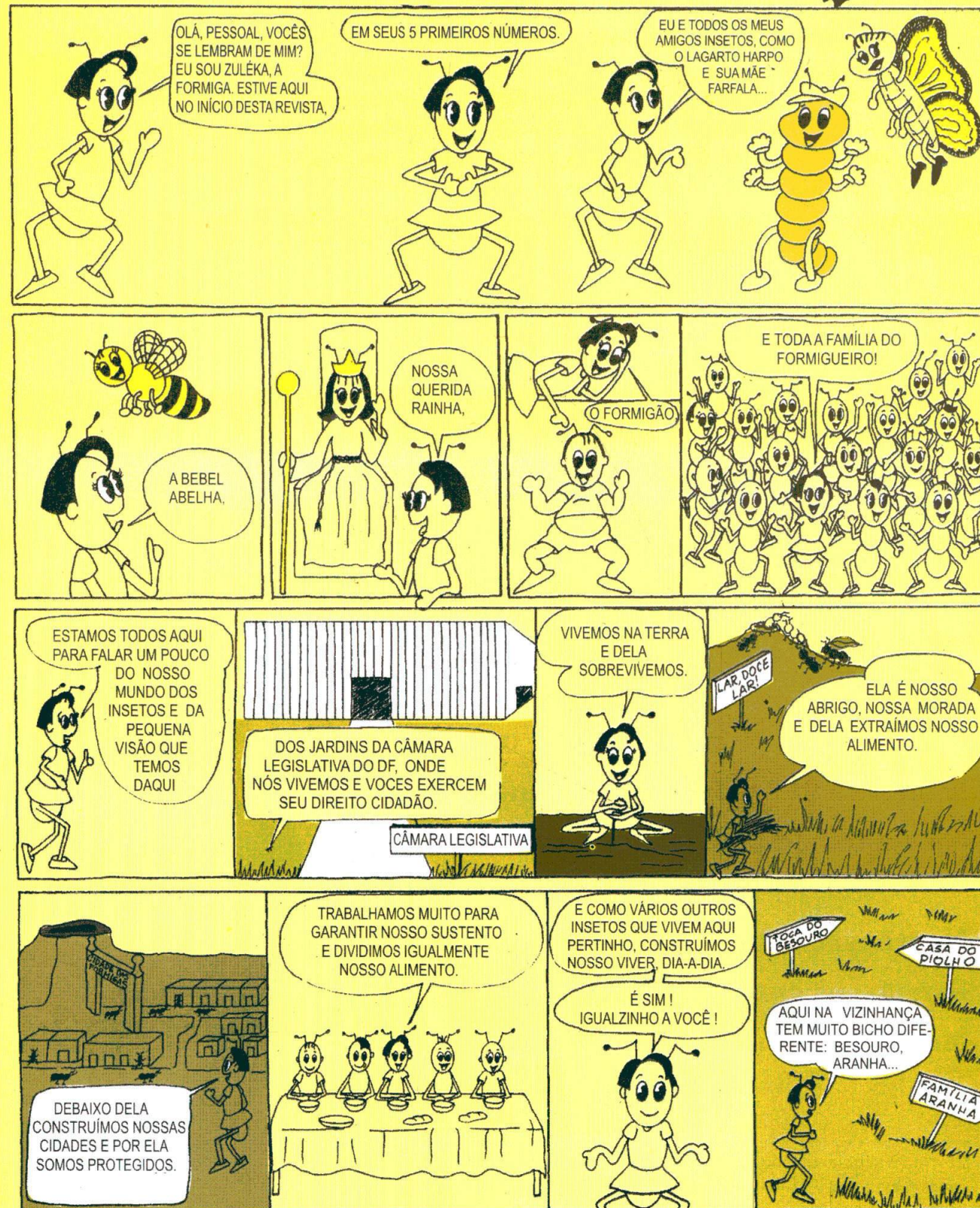
Um olho no

Uma mão no



Zuléka e sua turma

VIVENDO EM
BRASILIA



VISTA de Sousa quadrinhos especial para e adultos

lâpis e outro no mouse
Ou
lâpis e outra no mouse

□ DAISE LISBOA

O desenhista Mauricio de Sousa não tem do que se queixar. O bom humor que marca a personalidade de seus 200 personagens e enriquecem suas histórias fazem parte do seu cotidiano e do seu modo de ser. Artista por natureza, conseguiu mostrar e dividir com o Brasil e o mundo as maravilhas que a imaginação lhe proporcionou.



Com mais de 45 anos de profissão, a satisfação de agradar ao público – infantil e adulto – deixa o artista orgulhoso. A tiragem de suas revistas, editadas pela Editora Globo, é de cerca de dois

milhões de exemplares por mês e corresponde a 70% do mercado editorial infantil de quadrinhos. O site www.monica.com.br é visitado por cerca de 1 milhão de *pay per view* por dia, público composto por crianças e adultos, que navegam no mundo virtual da Turma da Mônica. "Qualquer avanço para desenvolver a arte é mais uma ferramenta que não pode ser desperdiçada. Não podemos ter preconceitos se a tecnologia está aí para nos ajudar", explica o desenhista referindo-se à informatização da arte.

Segundo Mauricio, ele e sua equipe nunca ficaram parados nesses anos todos. "Estamos sempre nos inserindo nas mais diversas mídias, utilizando os recursos tecnológicos disponíveis no mercado. Temos

de estar na internet e nos jogos, como estamos, somando tudo às revistas, livros e nossas demais atividades", ressalta.

Enfrentando a competição

De acordo com o desenhista, no início dos anos 60 a Disney tinha presença "pesada" e quase que exclusiva nas bancas. Experiências de desenhistas brasileiros, realizadas na década de 50, não tinham vingado, não só por motivos econômicos mas porque durante esse período desenvolvia-se uma campanha acirrada contra as histórias em quadrinhos no País. Quem quiser saber mais detalhes desse tempo difícil para os artistas brasileiros pode conhecê-lo no recém-lançado livro da Companhia das Letras, *A guerra dos quadrinhos*, de Gonçalo Júnior. "Mas em 1960, alheio à guerra entre os prós e os contras quadrinhos, eu já estava com um ano de publicação de tiras diárias na Folha da Manhã, hoje Folha de São Paulo". Foi lá que comecei minha carreira de desenhista.

"Quando cheguei à redação da Folha de São Paulo, queria mais era desenhar. Mas não consegui vaga". Sugeriram que ele deveria fazer outra coisa qualquer no jornal, na redação. "Assim me tornei repórter policial. Era a vaga que havia para mim. Mas o que eu queria mesmo era ser desenhista. E na oportunidade que apareceu, depois de alguns anos, tirei a capa e o

□ LUIZ MANZOLILLO

O que é a vida?

(A Vandira e Célio Vellozo)

O que é a vida? (me pergunto agora)

E onde a noite das lágrimas termina?

Como encontrar esta mansão divina

Iluminada pelo albor da aurora?

Do cárcere do carma a alma implora,

Em confidência à estrela peregrina,

O sol de uma esperança esmeraldina,

A esperança que vibra e resplendor.

Fatalidade! A vida é como um traço,

Entrelaçando as lutas desumanas

Na caminhada adusta, *pari passu*.

Na transcendência para a eternidade,

Para Jesus entoarei hosanas,

Meu espírito na imortalidade.

Obs: 1º Sonetos do outono, no prelo. Autor de mais de vinte trabalhos, romancista, poeta, ensaísta, novelista e contista, Manzollillo conquistou em 1991 o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, com os contos e novela de A barca de Ceres (edição LGE, 1996).



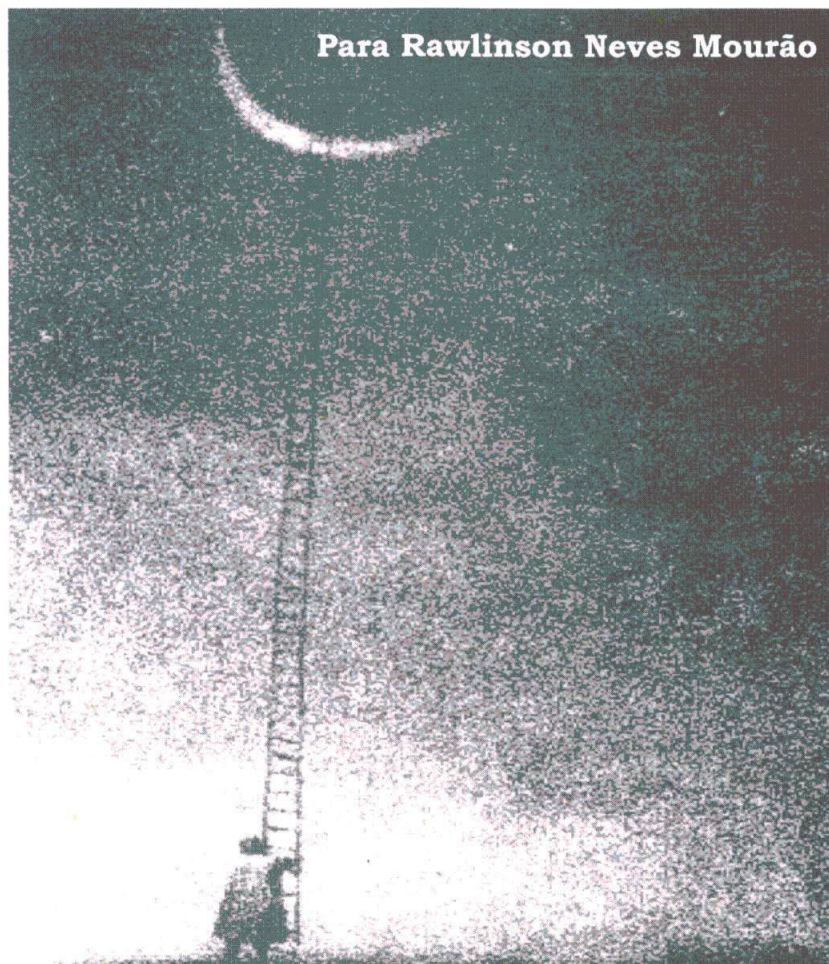
De repórter policial a desenhista na "Folha de São Paulo", onde tudo começou

O suave cair da noite

Como gosta de afirmar e repetir Fernando Mendes Vianna, esse negócio de falecer é de extremo mau gosto. A despeito disso, continuo lendo, sempre, com bastante interesse e até com carinho, a coluna de obituários que tem o estranho poder de nos fazer familiares ao ausente. Fica parecendo, quando lemos o obituário, que era um nosso amigo, com o qual dividimos muitas horas e muitas prosas e muitos silêncios... Agora mesmo, faz pouco tempo, partiu, de leve, Fernando Sabino, o último da "boa quadrilha" dos cronistas mineiros. Preparou a viagem com cuidado e teve a delicadeza de fazer-se simples até no epitáfio que quis para si — nasceu homem, morreu menino.

No fundo, o hagiológico — cada vez menos relativo a santos — acaba sendo um reencontro, mesmo com aqueles que desconhecemos, e a gente vai relembrando onde esteve, aqui e ali, e sucedidos da nossa vida, enquanto ouvia aquela música, enquanto lia aquelas linhas que ficaram marcadas no peito, ou aquela polêmica que não quis calar. E a gente vai percebendo que essas coisas todas que o viajante viveu e produziu eram todas muito necessárias, pra ele e pra todo mundo, e que o mundo deu um passo a mais porque ele estava lá e fez ou não fez, conforme o caso.

Mas confesso que até hoje não consegui superar a abrupta partida do Ary Pára-Raios. Não consegui esquecer aquela meia hora anterior à notícia fatalística, em que eu, dirigindo numa chuvinha fina pelo Lago Sul, via adiante, pendente, a cabeça de um cavalo morto levado numa carroça, e dizia pra mim



Para Rawlinson Neves Mourão

mesmo como um romano antigo: Isso não é bom augúrio... Teria sido melhor saber pelos jornais?... Mas o que não era bom também não chega a ser mau, porque hoje o Dia do Cerrado se comemora no seu natalício, 11 de setembro, e a trupe do Esquadrão da Vida ainda está por aí e continua com a Guerrilha do Bom Humor, e a sua presença está em toda parte.

Seja como for, foi por causa do Sabino que o Rawlinson, que mora em BH, se afinou comigo e disparou: "Vivi meus treze anos embalado por *O encontro marcado* e por *O tempo e o vento*", e rememorou mui-

tas outras coisas tocantes da sua BH de então, e me chamou a atenção quanto àquele "fica parecendo" lá do começo; porque, de fato, a coluna de obituários muitas vezes acaba se tornando uma reminiscência mais vívida que muitas conversas aborrecidas do dia-a-dia. De resto, vale a pena lembrar que, em 1996, alguém da "ISTOÉ" desfechou título certo para anunciar a viagem do mestre do traço e das marchinhas carnavalescas: "O delicado cochilo do mestre Nássara", foi como disseram. Quanto a nós, aos que ficam, vivamos, com intensidade e leveza, vivamos.

chapéu de repórter e me tornei o que sou hoje."

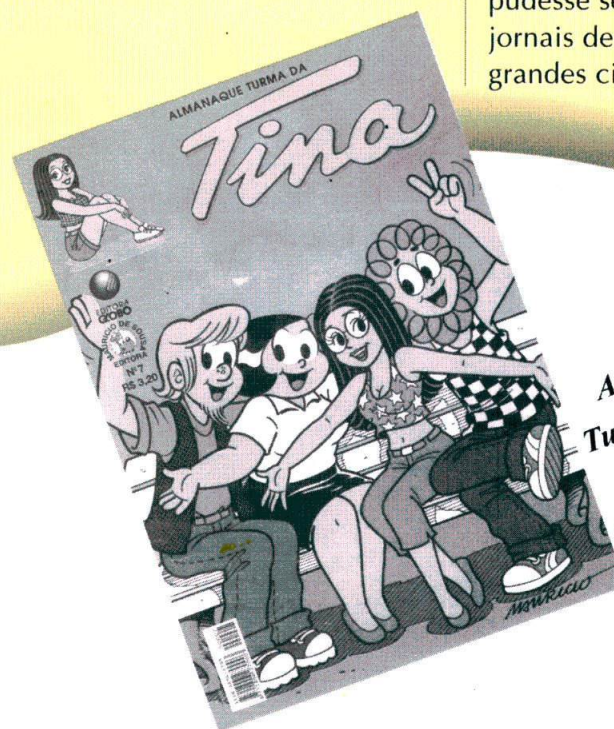
Naquele mesmo ano, 1960, Mauricio de Sousa aceitou um convite da então Editora Outubro, feita pelo diretor de arte Jayme Cortez, para lançar uma revista mensal chamada "Bidu", que infelizmente chegou somente até a 6ª edição.

"Eu não tinha estrutura para escrever, desenhar, arte-finalizar uma revista por mês, sendo, ainda, repórter policial nas horas normais do dia." Não obstante, as tiras no jornal começavam a fazer bonito, a se tornar populares, com os novos personagens. "Mas ainda rendiam pouco quando publicadas num só jornal", justificou.

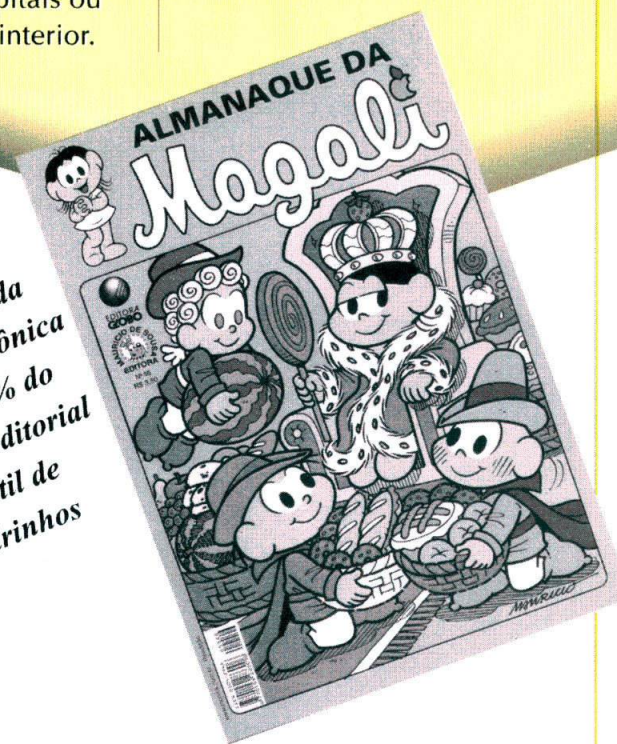
Os novos talentos nunca devem deixar de ir em busca de seus sonhos. Leiam e estudem bastante e corram atrás de seus ideais

Foi nessa época que passou à fase seguinte do seu plano de expansão do material. "Criei um sistema de redistribuição que permitia que a tira publicada na Folha também pudesse ser publicada em jornais de outras capitais ou grandes cidades do interior.

Ao mesmo tempo iniciei a contratação de artistas para comporem uma equipe que me permitiria aumentar e diversificar a produção de historietas". Durante toda a década de 60, trabalhou com



As revistas da Turma da Mônica detêm 70% do mercado editorial infantil de quadrinhos





Mauricio de Sousa e sua filha Mônica

jornais de todo o País, oferecendo tiras diárias e páginas tablóides para suplementos semanais. A equipe chegou a atingir mais de 300 jornais durante esse período, vencendo, assim, diversas barreiras que impediam personagens brasileiros de serem aceitos por jornais e pelo público diferenciado de, praticamente, todos os estados do Brasil. A simpatia dos personagens, o jeito de eles se comunicarem com o público (principalmente crianças), o cuidado com os temas, com o conteúdo, com a arte ajudaram nessa receptividade. Se nos primeiros anos da década de 60 Mauricio ainda

enfrentava aqui ou ali algumas manifestações preconceituosas contra sua forma de comunicação por meio de quadrinhos, com o passar dos anos essas



MAURICIO

Aquele menino exacerbado olha. Até o homem se perder de vista. As brincadeiras se perderem. Os olhos procurarem outra coisa. Verem Lana. Esquecerem-na. Não há nada nela que... Cansados. Alguns recostam-se. Uma menina, a menor, olha o menino, pisca os olhos, olha, pisca. Enamorada. Adormecerá em breve. Antes mesmo que partam. Será levada no colo. O menino a percebe. História de amor. O sorriso da menina.

Estava indo ao encontro de Marcos. Medo e vontade oscilando. Viver além da necessidade de amor. Seria alguém capaz, era apenas nela que isto sufocava? Faltara o que... para que fosse ânsia de... com alguns tentando dizer a ela que era impossível viver sem vínculos, sem reduzir as vontades, sem limites.

Os olhos molhados de apatia e ternura para com um mundo que se abre em contínuo ato de tocar. Dos livros serem a única lembrança de seu passado. Tocar Marcos no que fosse palpável tocar, tornando-se mais próxima dele por todos os laços que lhes faltaram, e não faltaram, por todos os sonhos possíveis em recantos, por todas as imagens do parque.

Pelos mundos mortos. Destruídos. Marcos a fez saber disso, quando abriu a porta e a observou com os olhos grandes e não contidos, os cabelos por detrás do rosto para que pudesse mesmo vê-la: que não eram mundos mortos.

Melancolia.

Apego.

Marcos recortando papéis. Lana olhando. Um sempre a passar pelo outro nos atalhos. Teria ido pegar-lhe a mão. As felpas caindo, amontoando-se pelo chão. Os olhos seguindo. E depois sempre haveria mais livros.

O estilo em que as coisas se davam entre eles. Insuflada, usurpada, corroborada para a vida. Saudade das apressadas correrias, todos a pegá-la, levá-la, trazê-la de volta. Infância. Esquecera o dia das mães. Datas. Vácuos. Marcos lera todos os livros. Que bom que tivesse lido todos os livros. Linguagem. E hoje nenhuma gritaria na vizinhança. Adormeceu enquanto Marcos continuou a cortar papéis.

Sonhava. As crianças se mantinham sobre a água enquanto as mulheres se afogavam para mantê-las na superfície. Se afogavam sofridas. Mas iriam sobreviver. Era um pesadelo. Ondas. Acordou e adormeceu novamente. Agora era apenas uma mulher e uma criança. Não havia mais ondas. A água não se mexia. Nisso havia perigo – não compreendiam seu senso de humor – mais ao longe talvez houvesse redemoinhos e não se podia deixar a criança ir até lá. A criança tentava ir – o batom tinha um sabor agradável e ela passava a língua nos lábios – a mulher tinha que estar atenta à criança.

Alguém descobriu que havia um culpado. Antes não tinha percebido isso: que era possível se ter um culpado. Um responsável. Ele falava em nome de alguma idéia. Algo nele que tornava necessário que se tivesse o pesadelo. Levava em si um ódio por ter sofrido tanto. Este pensamen-

to fez sentido sobre todos os ângulos. Uma vontade de se vingar da vida. E qual era a dor daquele homem? O batom coloria o filtro do cigarro. E qual era esta vontade que apenas mal fazia e não levava nada a se mover? Lana perguntava isto ao responsável.

E, de repente, o assunto decaiu e não tinham mais o que falar. Não havia identidade alguma para terem assunto. O batom sujava o guardanapo. Era preciso tirar o cinzeiro por causa do cheiro ou da impressão que provocava. A mulher continuava lá olhando todo o tempo a criança. A água parada. Era muito perigoso.

Acordou. Algum ruído. Uma pancada. Marcos que deixara a tesoura cair. Contaria o sonho. Não. Não tinha vontade de falar. Guardar para si. Uma preguiça. Moleza. O corpo cansado. O pesadelo retomava. Mas não. Levantaria. Beberia água. Lavaria o rosto. Feliz. Desenharia depois. Ela e Marcos poderiam viajar. Por lugares perdidos, distantes. Mas havia tempo, muito tempo para isto. Havia tempo demais. E agora podia beijar a face de Marcos e dizer: estou indo. E ir-se.

Bolinhas de miolo de pão acumuladas no prato. Desenhos de vários tipos, tamanhos e cores jogados no chão, na mesa, colados nas paredes. Parou indefinidamente os olhos neles. Teve dúvidas. Desânimo. Fatigada de tanto ter afeto. Serviu-se de café e bebia em goles pequenos. Alguns desenhos tinham uma certa beleza. Apenas detalhes deles. Certos traços. Certas cores. Não sabia o que fazer. Resolveu insistir. Tentar corrigir. Aprimorar. Retocar.

I MA GENS

□ ELOÁ FRANÇA

A travessar agora um parque e ver imagens. Ipês roxos, amarelos e azuis cheios de flores. Meninas e meninos concentrados em suas fantasias, impregnados de repetições. Repetem as graças, os esconderijos, as surpresas. Alguns. Outros não penetram a magia. Um dentre eles com gritos exagerados de fascinação. Assusta os que não podem se contagiar. Fál-os olhar os adultos em busca de respaldo para um pouco de seriedade.

Sapatos delicados prendem os pés das meninas, seus impulsos. Obrigam-nas a pisar levemente, quase sem o direito de tocar o chão. A terra. A grama. Caminhos de cimento desenhando os contornos e trajetos. Um homem com uma maleta passando. Uma maleta marrom que ele segura pela alça quadrada. O fecho prateado reluzindo vezes nos olhos, vezes nos troncos, conforme os balanços, conforme os passos. As crianças olham.

resistências e ações foram diminuindo até alcançar uma relação de receptividade e paz junto aos pais, professores e autoridades.

"Por esse tempo o colega Ziraldo também participou desse movimento de afirmação da história em quadrinhos junto ao público brasileiro com seu sensacional Pererê". Sua revista, como a de Mauricio, a revista "Bidu", foi lançada em 1960. Circulou durante quatro anos e marcou época pela proposta e originalidade.

"Por tudo isso, vocês vêem que não foi tão fácil emplacar personagens brasileiros e mantê-los populares e queridos", destaca Mauricio. "Realmente houve muito preparo, trabalho e cuidado para que as histórias se mantivessem atraentes e chegassem até hoje com a mesma receptividade de sempre", considera. Diante disso, Mauricio de Sousa acredita que a capacidade de

Criação dos personagens

São mais de 200 personagens, entre eles:

Bidu: o primeiro personagem de Mauricio de Sousa, criado em 1959

Luca, Dorinha e Bloguinho foram criados em 2004, tendo suas primeiras edições publicadas em: Dorinha (novembro de 2004), Bloguinho (novembro de 2004) e Luca (dezembro de 2004)

Franjinha: 1959

Anjinho: 1960 e apareceu pela primeira vez na tira n° 452 do Cebolinha, que era publicada em jornais

Jotalhão: 1962

Tina: 1964

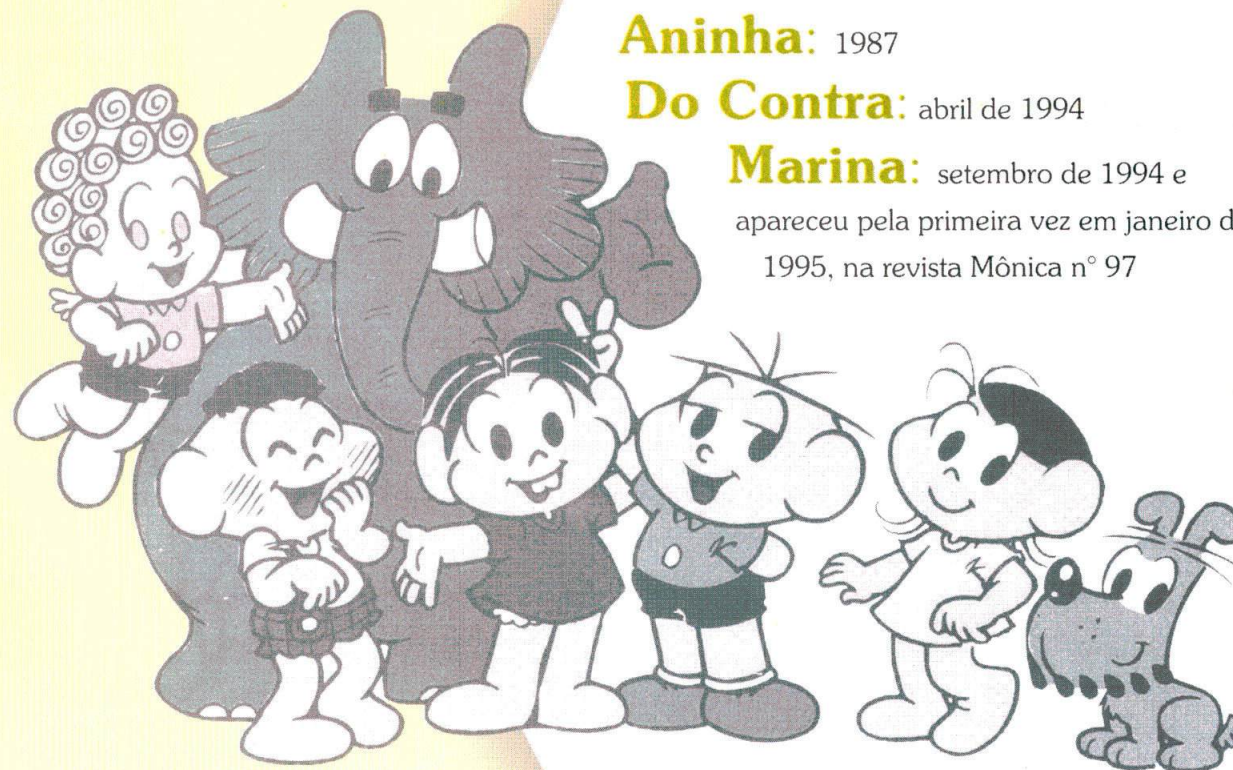
Titi: 1970

Capitão Feio: criado em 1972 e apareceu pela primeira vez na revista Mônica n° 31

Aninha: 1987

Do Contra: abril de 1994

Marina: setembro de 1994 e apareceu pela primeira vez em janeiro de 1995, na revista Mônica n° 97



MAURICIO

criação dos brasileiros não foge à regra. "Vejo que com estímulo, condições e liberdade, qualquer ser humano pode ser bastante criativo". Para os novos talentos incentiva a nunca deixarem de ir em busca de seus sonhos, ler e estudar bastante. "Há muitos talentos novos surgindo e, com certeza, teremos artistas brilhantes no futuro", diz, otimista.

Perfil dos personagens

Os 200 personagens não foram inventados. "Apenas observei e coloquei nos personagens características de seus "inspiradores". Todos conhecem uma Mônica, uma Magali, um Cascão, ou têm um cachorrinho parecido com o Bidu". Assim foi criando os personagens. Nos primeiros anos eles baseavam-se em observações. O Cebolinha era

um garoto que andava por perto de minha casa, durante a minha infância. Foi meu pai quem lhe deu esse nome, por causa do cabelo espetado. Ele era amigo do Cascão, que também existiu e inspirou o personagem. Franjinha era um sobrinho meu, que morava em Bauru; Chico Bento era um tio-avô que não cheguei a conhecer, mas me inspirou porque minha avó me contava muitas histórias dele. A maioria

dos personagens foi baseada em gente que existiu, que me passou algo. No caso das meninas, fui para casa e comecei a prestar atenção nas minhas filhas. E lá estava a Mariângela, minha primeira filha, brincando com a Mônica, que arrastava um coelho pela casa tentando bater na Magali, que comia uma melancia inteira. Então, criei os personagens baseados nas meninas. Fiz uma caricatura psicológica e deu certo.

"Primeiro foi a Mônica, depois veio a Magali e a Mariângela virou a Maria Cebolinha. Ainda inspirado nos meus filhos, criei a Marina, a desenhista da turminha, o Mauro, que é o Nimbus, e o



Mônica

Mônica é o personagem mais conhecido de Mauricio de Sousa. Representa uma menina forte, decidida, que não leva desaforo para casa mas, ao mesmo tempo, tem momentos de feminilidade e poesia. Mora com os pais, e vive para baixo e para cima agarrada a um coelho de pelúcia. É esse coelho, que ela trata com todo o carinho, que serve de "arma" contra os meninos. Principalmente Cebolinha e Cascão, que não param de "aprontar" com ela. Mauricio criou Mônica em 1963, inspirado em sua filha, que tem o mesmo nome. No início, saía nas tiras do Cebolinha e nos jornais. Depois começou a roubar a cena e ganhou sua revista própria, em 1970. Hoje, além dos quadrinhos – onde aparece na história como líder imbatível e dona absoluta da rua – Mônica é estrela de cinema e teatro, faz propaganda de vários produtos e campanhas educativas e comerciais de tevê. Estrela mais versátil, impossível.

linha de poesia são o mais das vezes antigramaticais, mas em *A revolta dos pretos* Manoel Monteiro, numa nota em prosa, reprova o desleixo no emprego do idioma e chega mesmo a recomendar "a utilização do cordel como complemento didático em sala de aula".

Em *Contaram-me e conto para vocês - uma lenda do povo Caiapó*, Manoel Monteiro, no seu texto, descreve a colonização lusitana como destruidora da existência do índio brasileiro.

José Francisco Borges, em *A chegada da prostituta no céu*, funde fantasia e crítica social.

Em *A discussão do ensino anti-*

go com o ensino moderno, de Afrânio Gomes de Brito, apresentada em forma de diálogo, triunfa naturalmente a pedagogia moderna.

Para os cordelistas não há assunto que não possa desenvolver-se nas suas sextilhas. Por esta razão é que tanto lançam uma biografia de Juscelino Kubitschek como uma descrição histórica (veja-se, por exemplo, o caso de *A evolução do papel - da China aos dias de hoje*). Realmente, com a leitura deste tipo literário humilde, podemos perceber que alguns dos seus autores pretendem o ingresso dele nas escolas.

Manoel Monteiro vê, na sua concepção de poesia, a autenticidade da expressão rotineira:

"A herança oral dum povo é esta que vem vindo de boca em boca e vai povoando a mente das pessoas".

Essas publicações características não se limitam à poesia mas já se aproximam das artes plásticas: refiro-me à xilogravura. As capas dos folhetos apresentam lindas gravuras. Manoel Monteiro elogia o artista plástico Josafá de Orós, que tem dado a sua colaboração a seus amigos e conterrâneos.

Essa riqueza poética do Nordeste brasileiro não se restringe às atividades dos cordelistas. Mário de Andrade, paulista, criou verdadeira paixão pelo folclore nordestino. No Rio Grande do Norte, ele ficou deslumbrado com as interpretações do cantor e artista popular Chico Antonio. Arrebatado pela cantoria do potiguar, chegou a escrever: "Estou divinizado por uma das comoções mais formidáveis da minha vida."

Outros admiradores da poesia popular existiram, sem dúvida alguma. Raymond Cantel,

mestre da Sorbonne, vinha ao Brasil especialmente para adquirir o material folclórico nordestino.

Gilberto Freyre, no seu *Compêndio de história da literatura*, observa "certo influxo na poesia anônima especialmente no ciclo de romances de vaqueiros, muito corrente na região sertaneja do Norte, na famosa zona das secas, entre o Paraguaçu e o Parnaíba, a velha pátria dos Cariris." Em suma, na região do Nordeste brasileiro, a criação poética não constitui uma riqueza só própria dos altos padrões literários mas vive também na alma do povo.



A literatura de cordel

Há muitos anos, viajando pelo nordeste brasileiro, conheci a literatura de cordel, que me agradou bastante, mas que deixei de ler porque esse tipo de poesia popular não se encontrava à venda no nosso ambiente. Foi para mim muito agradável, em conversa recente com o professor Alberto Roiphe, ficar sabendo que esse intelectual está escrevendo uma tese para doutoramento a respeito da literatura de cordel. Conhecendo a minha simpatia pelo referido gênero poético, o professor Roiphe enviou-me de São Paulo, onde reside, sete exemplares de literatura de cordel. Fiz a leitura desses opúsculos, anotando o que me pareceu singular.



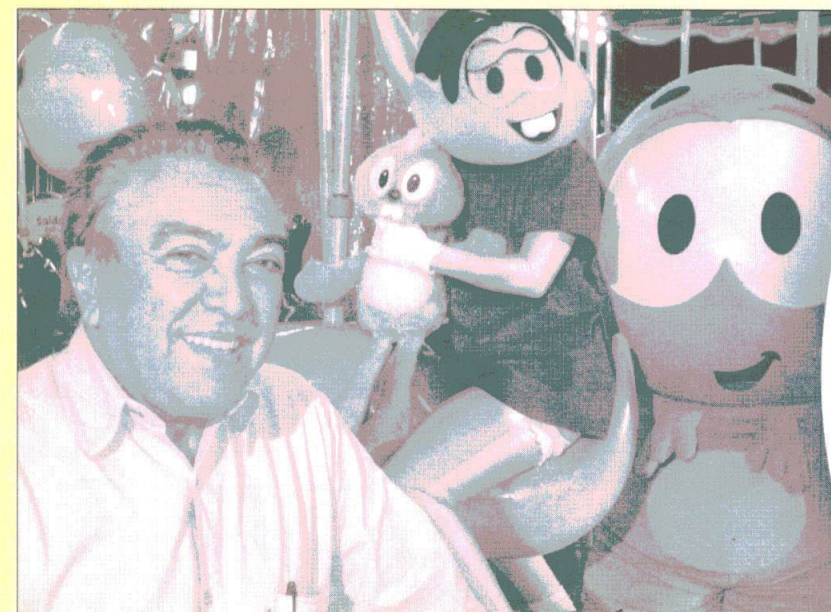
Antonio Américo de Medeiros, no folheto *Os mestres da literatura de cordel*, oferece o relato histórico desse gênero literário, oriundo do povo e que une a poe-

sia a todos os assuntos. No seu escrito, o poeta singelo assinala a origem da sua preferência, enumera os seus versistas mais representativos e define o tipo de criação a que se dedica:

"Cordel quer dizer cordão ou um barbante esticado onde se expõe folhetos à venda em qualquer estado em pregadores de roupas o livrinho pendurado".

Em *A revolta dos pretos*, o seu autor Manoel Monteiro corajosamente aponta a crueldade social e defende os negros, os gays e as prostitutas. Depois de argumentar que às vezes o que chamamos de minorias são majorias, o versista clama por uma resistência esclarecida: "Minorias! Vão em frente!"

As obras que pertencem a essa



“Estamos sempre nos inserindo nas mais diversas mídias, utilizando os recursos tecnológicos disponíveis no mercado. Temos de estar na internet e nos jogos para atingir a massa”

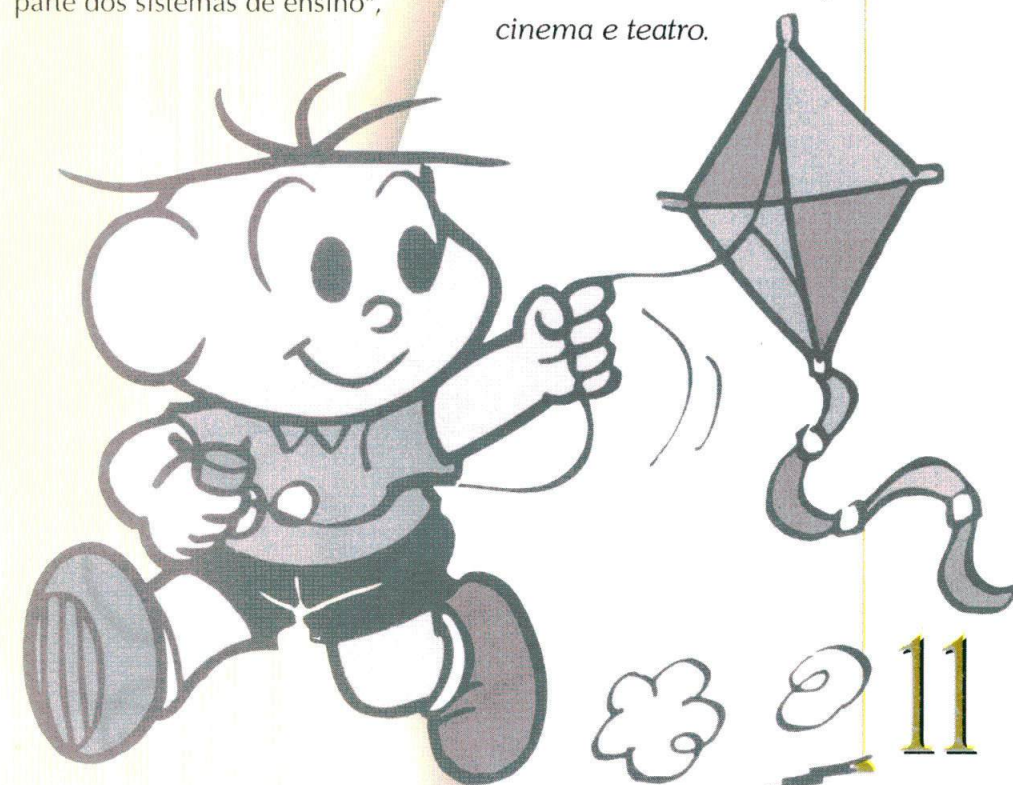
Mauricinho, o Do Contra. Os meus outros filhos em breve também estarão nas histórias: as gêmeas Vanda e Valéria, Maurício e o Marcelinho, que será o 'certinho'. Tem os novos personagens, que já fazem parte da Turma: Dorinha, uma menina cega; Bloguinho, que fala o 'internetês' – linguagem da internet –; e Luca, um menino cadeirante que é fã do Herbert Vianna, dos Paralamas, e também é chamado de Da Roda pelos amigos".

Deficiência e eficiência

Pessoas portadoras de deficiência não estão fora do universo vivido pelo desenhista, tanto que, com a Dorinha, deficiente visual, mostra a sensibilidade do cartunista para com problemas sociais.

Para Maurício de Sousa, é uma velha idéia criar personagens

com algum tipo de deficiência. "Seria (é) um bom exercício de inclusão, nas histórias que escrevemos para milhões de crianças, muitas delas em contato com outras crianças deficientes. Agora, mais do que nunca, com a inclusão sendo parte dos sistemas de ensino",



Cebolinha

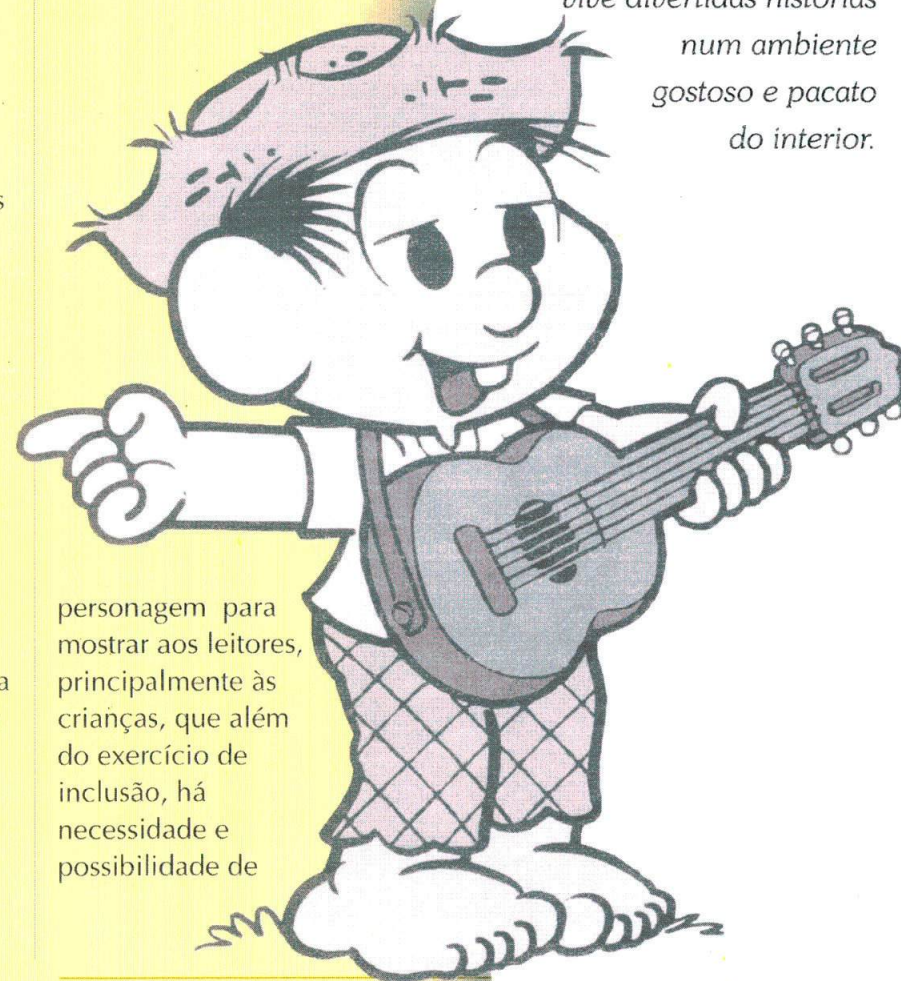
Cebola, um garoto de cabelos espetados que, quando falava, trocava o "R" pelo "L", existiu mesmo, fazia parte de uma turma de garotos, de Mogi das Cruzes, e acabou emprestando suas características para o Cebolinha.

Ele já foi mais gordinho, mais crescidinho e até mais cabeludo, mas sempre com o mesmo jeito "englaçado" de falar. Parceiro de aventuras – ou seria melhor dizer "vítima"? – da Mônica, a quem vive tentando derrotar com seus "planos infalíveis", Cebolinha teve sua revista lançada em 1973; nas horas vagas também é astro de tevê, cinema e teatro.



Mauricio de Sousa não guardou só para si as fantasias da imaginação

esclarece o desenhista com satisfação. Mas ainda que não fosse. "A idéia de crianças com deficiências que se superam sempre, me pareceu uma boa referência para ser passada aos leitores. E como é de nosso estilo e proposta, sempre surgem em histórias alegres, divertidas, com algumas mensagens e valores positivos nas entrelinhas", justifica. "Quando estava fazendo os primeiros desenhos e falando com algumas crianças cegas para me informar, conheci a senhora Dorina Nowill, fundadora do instituto para cegos que leva seu nome. Uma organização exemplar dirigida por uma pessoa exemplar. Da nossa conversa, do seu entusiasmo, da alegria e vivacidade, nasceu o nome Dorinha. Em homenagem à senhora Dorina, criei o



personagem para mostrar aos leitores, principalmente às crianças, que além do exercício de inclusão, há necessidade e possibilidade de

DF LETRAS

Chico Bento

Criado em 1961, teve como modelo um tio-avô de Mauricio, sobre quem ele ouvia muitas histórias contadas pela avó. Em agosto de 1982, foi lançada a primeira revista, em que a Turma da Roça – entre eles a Rosinha, namorada do Chico Bento, o Zé Lelé, o Hiro, o Zé da Roça, a professora Dona Marocas, o padre Lino e vários outros personagens – vive divertidas histórias num ambiente gostoso e pacato do interior.

MAURICIO

o interior. Quem se lembra de José Bonifácio, o Patriarca da Independência?

– Eu!

– Pois é, Júnior, ele até bolou um nome para a capital: Brasília, ou Petrópolis. E muita gente também achava que a capital devia mudar-se para o interior, porque assim o Brasil se interiorizaria, isto é, poderia desenvolver-se.

– Puxa, mãe! exclama Mariazinha.

– Todo mundo falava que deviam fazer uma nova cidade, que seria a capital, mas ninguém se animava a dar início a esta construção.

– Por que não começaram a construir essa nova cidade?

– Bem, Júnior, a coisa é muito complicada. Não é fácil.

– Quem mandou construir Brasília?

– Foi um grande Presidente, Júnior. Chamava-se Juscelino Kubitschek. Ele nasceu em Minas Gerais, na cidade de Diamantina.

– Onde fica Diamantina, tia?

– Já disse, Pedrinho. Juscelino era mineiro. Esta cidade é muito famosa, por sua tradição, como muitas outras. Por exemplo, Congonhas do Campo, Tiradentes, Ouro Preto, Barbacena, etc.

– Puxa! E o que ele queria?

– Ele queria o progresso do Brasil. Achava, como muitas outras pessoas, que a capital tinha de mudar, e começou a obra. Não parou até o dia da inauguração. Foi uma festa e tanto. Só vendo! Tinha até vontade de estar lá, mas seu tio ficou doente e não deu para ir. Se pudesse, teria ido morar naquele mundo novo. Devia ser bonito ser pioneira, isto é, ajudar a povoar aquela cidade, naquele fim do mundo...



– Onde era esse fim do mundo?

– Bem, Mariazinha, fica num pedaço do Estado de Goiás, que se desmembrou e se transformou no Distrito Federal. Fica a cerca de 200 quilômetros de Goiânia, capital do Estado de Goiás. São Paulo fica a quase 1.000, e o Rio de Janeiro, a mais ou menos 1.100 quilômetros.

– É longe, mesmo. Tia, e como é a cidade, agora? pergunta Zezinho.

– É diferente de tudo que se conhece. As avenidas são largas. Tudo foi projetado. As quadras e superquadras são o exemplo de que o arquiteto Lúcio Costa, que morreu há pouco tempo, queria fazer algo diferente. Oscar Niemeyer, felizmente, ainda está vivo, em plena atividade. Conseguiu mostrar ao mundo o que pode o homem, quando quer inovar. Mas tinha de haver um líder, dotado de energia e determinação. Este era nada menos

que o presidente Juscelino. Como vocês vêem, o brasileiro fez, do nada, tudo. E Brasília comoveu o mundo todo. A ONU tombou a cidade, pela sua beleza, grandiosidade e valor histórico, como Patrimônio da Humanidade. Ninguém pode mexer nela.

– Tombou, como? Você quer dizer que caiu?

– Zezinho, tomar, aqui, quer dizer que a cidade deve ser preservada. Ninguém pode modificá-la.

– Eu gostaria de conhecer Brasília.

– Não se preocupe, Mariazinha. Um dia nós vamos conhecer. E levo seus primos e também o Júnior, se os pais dele deixarem.

– Agora, vamos almoçar. Parece que seu tio já chegou e sua tia está pedindo para todos lavarem as mãos, antes de se sentarem à mesa.

– Eu também?

– Por que não, seu Júnior? Afinal, você é o bom amiguinho de todos. Espero que seus pais não fiquem bravos.

– É só telefonar pra eles...

– É mesmo, havia-me esquecido disso. Você é muito vivo, não se perde!

– Pois é!...

– Mamãe, só isso? pergunta Mariazinha. Júlia, sua mãe, contente por ter atizado a curiosidade da meninada, responde alegremente:

– Já que vocês gostaram, domingo que vem contarei mais um pouco!

Assim, tia Júlia narrou um pouco da história de Brasília e lembrou-se daquela época em que quase foi parar naquele lugar inóspito, que se tornaria, em tão pouco tempo, a Princesa do Cerrado, que faria inveja a todo o mundo!

DF LETRAS

– Muito bem. Vamos continuar a nossa conversa.

– Tia...

– O que é, Pedrinho?

– Você estava falando de Brasília, que é a capital do Brasil...

– Muito bem, Brasília é a capital do Brasil. Mas nem sempre a capital foi Brasília. Aliás, faz pouco tempo que passou a ser, já que ela foi fundada no dia 21 de abril de 1960.

– Puxa! Tão velha, assim?

– Velha, nada. Não faz muito tempo assim. Afinal, há cidades que têm mais de 3.000 anos. Por exemplo, Jerusalém. Roma tem mais de 2.000 anos. Paris já é bem velhinha, também. Quer saber uma cidade brasileira antiga, senhor Pedrinho?

– Quero, sim.

– Por exemplo, São Paulo: foi fundada em 1554.

– E existem outras?

– Claro, seu Pedrinho! Recife e Salvador são dessa época. O Rio de Janeiro, também. Há outras mais.

– É verdade, dona Júlia. Não sabia que Brasília era tão nova. Mas ela é mais velha que eu!

– Sim, senhor Júnior. Você tem dez anos, e ela, um pouco mais de 40, retruca a tia de Pedrinho, e continua:

– Falando em Salvador, essa foi a primeira capital do Brasil. É linda!

– E por que mudou?

– Zezinho, tudo muda. Depende de muitos fatores. De lá, de Salvador, mudou para o Rio de Janeiro. Nós estivemos no Rio de Janeiro, no casamento da tia Diva, há dois anos. Lembra-se?



assentar-se próximo ao mar, pois assim não tinham de andar muito – naquela época não havia carro, avião, trem, que permitisse o deslocamento por grandes distâncias.

– E tinha metrô?

– Você está me gozando, Júnior?! Claro que não havia metrô, pois ele é apenas um trem que trafega nas cidades. Daí era muito penoso, naquela época, ultrapassar certos limites.

– E ninguém ia para o interior?

– Ah, ia me esquecendo dos bandeirantes, os paulistas...

– Como nós?

– Você é pretensioso, seu Pedrinho. Mas é verdade. Eles eram paulistas, como nós, e formavam grupos que iam em busca

de índios, ouro, enfim, de riquezas, e construíam cidades por onde passavam. Assim, foram desbravando o país...

– Como assim?

– Mariazinha, eles paravam em muitos lugares, para descansar, pois viajavam a cavalo e às vezes até a pé. No entanto, o Brasil, como disse, é muito grande, do tamanho de um continente.

– E o que é continente?

– Continente, Zezinho, é uma grande massa de terras, cercada de oceanos, mares. O Brasil se situa no continente americano. Por ser muito grande, tinha de ser desbravado, porque os bandeirantes não atingiram todos os lugares.

– E o que mais?

– Zezinho, desde quando o Brasil ainda era colônia, isto é, estava dominado por Portugal, já se falava em mudar a capital para

exercitarem mais intensamente todos os sentidos. Alguns são ofuscados pelo uso da visão, que é responsável por mais de 80% das sensações que nos chegam ao cérebro.

A Dorinha é uma menina bonita, gentil, inteligente, vaidosa e alegre, sempre pronta para colaborar nas brincadeiras da turminha. Sua diferença é a de não enxergar. É cega. Usa óculos escuros (acha *fashion*) e, geralmente, anda acompanhada por um cão labrador, treinado para conduzir cegos: o Radar. Quando não está com o Radar,

usa uma bengala para se sentir mais segura enquanto caminha. Suas roupas são bem transadas, coloridas, de bom gosto. Desde sua primeira historinha (quando se apresenta à turminha), encantou todo mundo com sua esperteza e pleno uso de seus outros sentidos fora a visão. Está ensinando a turminha a ouvir os sons do mundo, os cheiros, sabores e sensações táteis. Vai, também, ensinar braile para a turma".

Tempos modernos

Bloguinho é aquele menino que todos conhecemos, hoje,

que faz tudo para não ficar longe do computador e de suas salas de bate-papo. É irmão do TeveLuzão, personagem lançado há muitos anos, e é um telespectador compulsivo. O Bloguinho, em vez de TV, vai para o lado da internet. Fala com a linguagem dos jovens frequentadores dos chats, usa nicknames e sabe tudo o que está se passando no mundo virtual. Ou tenta saber. "Mais uma vez, meus filhos. Os jovens começaram a me bombardear com mensagens escritas na nova linguagem dos bloguistas. Custei a entender algumas das mensagens. Estudei um pouco e já posso me comunicar de novo com eles. Em termos", confessa Mauricio de Sousa.

Lançamento para 2005

Uma família de negros vai se mudar da Bahia para o Bairro do Limoeiro, em São Paulo. Essa família tem dois meninos: um gosta de música erudita e o outro, de música popular.

"Eles vão trazer muita música para a Turma da Mônica", garante Mauricio.



Cascão

Cascão nasceu em 1961, baseado nas recordações de infância do próprio Mauricio.

Ele conta que, no início, teve receio da reação do público para com este personagem com uma certa "mania de sujeira". A aceitação, entretanto, foi imediata e a popularidade cresceu tanto que, desde agosto de 1982, Cascão tem sua própria revista.

Cazarré

□ DAISE LISBOA

O escritor e jornalista Lourenço Cazarré não precisou fazer muito esforço para decidir qual seria sua profissão. Escritor-jornalista ou jornalista-escritor. As duas coisas, juntas, são responsáveis pela alegria dos leitores de Brasília, desde 1977. Prestes a completar 28 anos de profissão, Cazarré conta com o respeito dos jornais locais onde trabalhou e com a admiração dos leitores – um público jovem, mas

Intimidade com o público juvenil

que é surpreendido a cada ano por novas receitas de sucesso.

Não é para menos que tem 20 livros publicados, um por ano, consecutivamente. Buscando sempre mais idéias para atender ao público ávido de novidades e emoções, Cazarré coloca aos seus leitores, de uma maneira de fácil entendimento, histórias que envolvem o universo da garotada.

Mistérios, ficção e muitas aventuras são alguns dos ingredientes das histórias de Cazarré. Assim, questões como o sumiço do discurso do diretor da escola, guerra de lanche, a misteriosa morte do professor de matemática, relações entre avós e netos, enfim, são des-

critas pelo escritor de forma a fazer vibrar o público juvenil.

A resposta tem vindo rápida, não só pelo fato de os livros de Cazarré serem utilizados nas escolas do Distrito Federal, mas por serem complementados por palestras que permitem ao autor estar frente a frente com o leitor. "Faço uma exigência à escola: de que antes da palestra os alunos leiam mesmo o livro recomendado pelo professor. Daí, eles me bombardeiam com perguntas não só do livro atual, mas também de outros que leram de minha autoria", observa Cazarré, divertindo-se com a situação e ao mesmo tempo orgulhoso pela receptividade dos alunos.

O escritor garante que o trabalho de ir às escolas é gratificante, pelo fato de encontrar resultados além da expectativa, como adaptações de trechos do livro para teatro ou música, por exemplo. "É bom para ouvir a resposta dos caras aos livros, para saber como eles entendem."

A cidade dos ratos, por exemplo, gerou diversos trabalhos realizados nas escolas. Ele conta que os alunos aproveitam um per-

□ LEON SZKLAROWSKY

C E N Á R I O

Numa pequena casa, no interior de São Paulo, os meninos acham-se reunidos com a tia e a avó. A mãe de Pedrinho, de sete anos, e de Zezinho, de oito anos, na cozinha, prepara o almoço. O pai saiu para dar uma volta de bicicleta. A manhã está ensolarada, radiante, nesse domingo morno, sem ninguém na rua. Quase todo mundo está nos clubes, ou então dormindo, aproveitando o domingo de Páscoa. Tia Júlia descansa na varanda. Mas, pode? Não pode! As crianças puxam-na para dentro da casa e...

Uma pequena história de Brasília

– Tia, onde fica Brasília?

– Ué, Pedrinho, você não sabe? Com esta idade, já completando sete anos, você ignora que a capital do Brasil é Brasília?

– Pois é, tia Júlia. É por isso mesmo que estou perguntando. Você também não sabe?

(Gargalhadas)

– Que é isso, menino? Brasília é a capital do Brasil.

– E o que quer dizer *capital*? pergunta Zezinho, participando da conversa.

– Bem, a palavra *capital*, Zezinho, tem muitos significados. A palavra expressa um pensamento. Algumas palavras representam várias coisas.

– Ih! Não estou entendendo! exclama Pedrinho.

– Espere, Pedrinho, vou explicar direitinho.

– *Capital* pode significar principal, maiúsculo, isto é, letra grande, por exemplo. Também pode exprimir a idéia de cidade onde fica estabelecido o governo que dirige um estado ou um país.

– Só isso? surge Mariazinha, perguntando à sua mãe.

– Não, senhorita Mariazinha!

A senhorita resolveu vir se juntar a nós? Pensei que não tivesse interesse na conversa de gente grande!...

– Não, mamãe, eu já tenho nove anos e sou grande. E gosto de aprender. Posso ficar aqui?

– Claro, minha filha. Seus priminhos não se importarão, garantto!

– Pode, sim! afirma Pedrinho.

– Também quero que você fique conosco! completa Zezinho.

– Assim é que se fala, Pedrinho e Zezinho. Chamem seu amiguinho, Júnior, que está na sala de visitas vendo televisão. Talvez ele prefira ficar conosco.

– Júnior, minha tia está chamando você! grita Zezinho para o amiguinho Júnior.

– Estou indo! responde Júnior.



eram, de fato, uma inovação nos métodos de realização das campanhas políticas em nossa pátria. Inovações que morreram com seu idealizador, pois a partir de então, como antes, os candidatos não têm programas de governo, nem ao menos simples projetos mensuráveis e de fácil cobrança pelos eleitores. Volta a demagogia, a jactância, o palavreado bonito mas oco, a desmedida retórica. Belas frases, vãs promessas, engodo para o pobre povo que acredita: "Desta vez vai, vamos mudar este país". E a coisa continua como "dantes, no quartel de Abrantes."

Juscelino foi um gigante como o próprio Brasil, ao presidir-lo, tirando-o do atraso e do subdesenvolvimento, gerando empregos e otimismo, no ronco dos tratores que abriam estradas, açudes e usinas hidrelétricas, na indústria do vidro, na automobilística e em tantas outras, mas principalmente Brasília, e a esperança que infundiu no povo brasileiro, que, sorrindo, acordou o gigante, com desenvol-

Tivesse ele voltado à Presidência da República em 1965 e o Brasil seria outro hoje.

vimento de 50 anos em 5. Se vivo e eleito fosse, agora que Brasília se aproxima dos 50 anos, o inesquecível Juscelino faria, em 50, 500 anos de prosperidade?

Tenho certeza de que sim. Fez mais de 50 em 5. Seu slogan de campanha era "5 anos de agricultura para 50 de fartura". Faria mais de 500 em 50. Nem precisava tanto. Tivesse ele voltado à Presidência da República, em 1965, e o Brasil seria outro hoje. Se eleito em 1965 (em 1963 o Ibope lhe dava 60% de intenção de votos), JK teria proclamado, realmente, a independência do Brasil. Já dispúnhamos de alentado parque industrial e teríamos, com as agrovilas de seu novo programa de governo, realizado o velho sonho de independência acalentado nos corações dos brasileiros há tantos anos. Seria a vez da agricultura. A enorme produção do campo, racionalizada, assistida e financiada pelo governo. O Brasil já produzia caminhões, jipes, colheitadeiras, máquinas agrícolas, armazéns frigoríficos, silos, armazéns, matadouros industriais. Dispondo de farta mão-de-obra no campo, enorme bacia hidrográfica – a segunda maior do mundo –, todos os climas da terra em seu território, possibilidade de quatro safras num só ano, o Brasil teria dado, realmente, o salto do subdesenvolvimento para o definitivo desenvolvimento econômico. Seria a independência sonhada e pretendida – sabe-se lá se de fato – por Dom Pedro I. Adeus, desemprego, adeus, subdesenvolvimento. A preocupação era disponibilizar ocupação e emprego para os jovens que a cada ano vinham em busca do mercado de trabalho. O homem do campo ficaria por lá, nas fazendas ligadas às agrovilas. Os que tivessem emigrado para as cidades, homens afeitos ao amor à terra, voltariam para suas cidades, onde teriam vida digna e o que vieram buscar nos grandes centros: trabalho, educação e saúde. Alonguei-me nas respostas. Mas, por mim, tudo o que disse devia ser dito e repetido para esse Brasil novo que há de surgir das mãos e das mentes dos jovens, esperança de todos nós, para recolocar o País na posição em que deve estar no concerto das nações.

sonagem do livro e a partir dele fazem uma música. Outras vezes aproveitam uma cena de humor para encenar em teatro. Para facilitar, o livro já tem o formato que pode ser utilizado num roteiro, com várias letras de músicas para a garotada tocar. "O trabalho em escola rende", garante Cazarré.

A desmistificação do autor também é importante no contato com os alunos. Segundo ele, muitos pensam que o autor do livro é um velho ou uma pessoa que já morreu. Para a garotada que já leu o livro é interessante estar frente a frente com o escritor.

O primeiro trabalho para o público juvenil foi lançado em 1985 – *O mistério da obra-prima*. É nele que Cazarré conta o desaparecimento do discurso de um diretor de escola. Criou uma trama policial para saber quem havia roubado o discurso – ou os alunos ou os professores da escola, cansados da mesmice do discurso enfadonho de início de todo ano letivo. A receptividade da crítica em São Paulo foi tão favorável que o animou a escrever mais. "É uma área de que gos-



Fotos: Silvio Abdon

Mistérios, ficção e muitas aventuras são alguns dos ingredientes das histórias de Cazarré

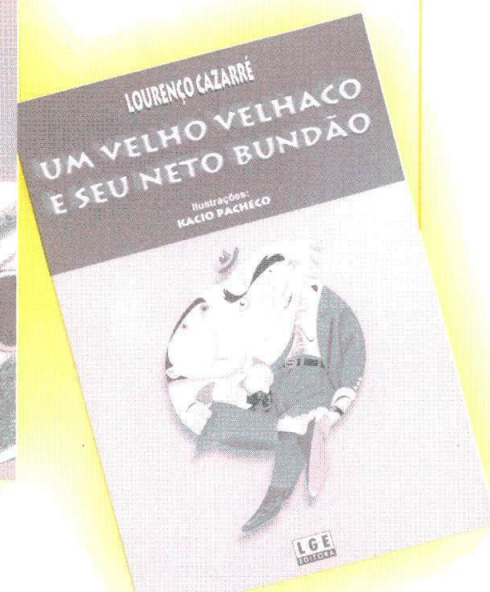
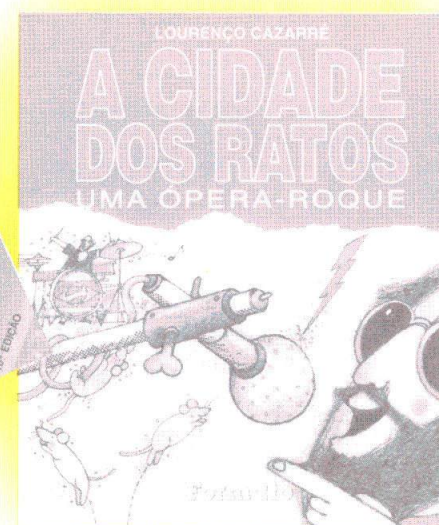
to, então decidi me dedicar ainda mais a esse público", afirmou Cazarré.

Pano de Fundo

Os cenários variam. Os primeiros tiveram como pano de fundo o Rio Grande do Sul, mas

aos poucos o Distrito Federal tomou conta do cenário. "Mesmo quando não cito a cidade onde se passa a história, para quem conhece Brasília, já sabe que a história está se passando por aqui."

Cazarré se diverte ao falar de seus personagens, como é o caso do detetive brasileiro, um tanto atrapalhado, o anti-herói de *O mistério da obra-prima*. Na história, que acontece no Rio Grande do Sul, o personagem foi criado só para descobrir quem roubou o discurso do diretor da escola. No cenário brasiliense, destaca o livro *Isso não é*



um filme americano, que conta o seqüestro de uma moça por um desempregado. Além de utilizar a linguagem policial, aborda também a questão social, como o desemprego.

Outra história interessante que se passa em Brasília é narrada no livro *Nadando contra a morte*. Nela, uma menina tenta o suicídio na ponte do Bragueto. Na trama policial, um remador de caiaque e um nadador vão tentar salvar a garota. No livro também é colocada uma questão social, a da gravidez na adolescência. Uma menina de 14 anos que trabalha como doméstica fica grávida. Sem contar com o apoio da patroa, se desespera e tenta o suicídio. Esse livro rendeu ao autor, em 1999, o prêmio Jabuti, o maior prêmio da literatura brasileira.

No livro *A cidade dos ratos*, uma ópera-rock, é feita uma brincadeira com as bandas de rock surgidas em Brasília. O *Devezenuquandário* de Leila Rosa Canguçu também se passa no cenário brasiliense. Para quem não conhece o termo, Cazarré explica que a maio-



"É uma área de que gosto, então decidi me dedicar ainda mais a esse público"

ria das meninas têm um diário, onde escrevem todos os dias. Como Leila escreve de vez em quando, criou a palavra "devezenuquandário", que deu nome ao livro um tanto leve, estilo crônica. Leila é filha de um jornalista. Ela ganhou um computador do pai, aos 14 anos, e é nele que escreve as impressões que tem da família, irmãos, vizinhos, de forma bem irônica. "Neste livro fiz adaptações de algumas crônicas inéditas que havia escrito para jornal, tendo transferido algumas delas para a personagem de Leila", conta o escritor explicando que a idéia foi bem sucedida.

Novidades

Para cinema – Em janeiro deste ano

escreveu um roteiro para cinema a pedido do cineasta brasiliense, Pedro Anísio, e de um de seus filhos, estudante de cinema na UnB. "Para mim, a tarefa foi um desafio, porque o que faz o escritor, senão diálogos?", esclarece.

Para literatura – Em breve Cazarré vai contemplar seus leitores com um livro infantil escrito por ele e ilustrado pelo desenhista Kácio: É a história de Brasília contada em quadrinhos. Quando resolveu fazer o gibi, convidou o desenhista a fazer a dobradinha e ele topou. "Agora só falta a conclusão do patrocinador para que a revista seja lançada em breve", prevê o autor.

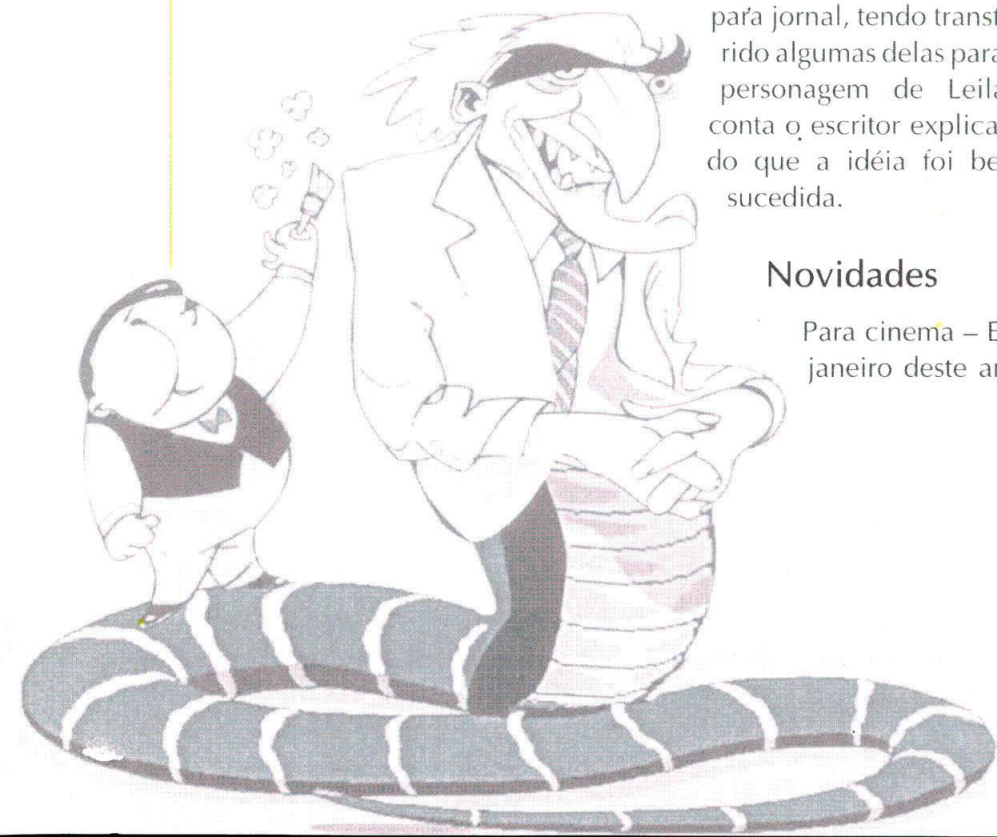
Antes do roteiro para cinema e da história em quadrinhos, Cazarré escreveu uma peça de teatro infantil – *Puro tempo perdido*, que esteve em duas temporadas, em 2004, uma no Centro

resses dos estados junto à Presidência da República. Brasília, meta-síntese, já fazia parte das preocupações de JK, muito antes de ser candidato à Presidência da República. Como deputado federal na Constituinte em 46, ele e Israel já defendiam a mudança da capital do país para Minas Gerais, ou seja, para fora do litoral, de forma a propiciar facilidade à integração nacional. Como pré-candidato à Presidência da República, em viagem que percorreu todo o território nacional, esteve aqui em Goiás, permanecendo em Goiânia e Xavantina, onde procurou informar-se sobre vários assuntos referentes à localização da capital na região. A mudança da capital já era motivo de cogitação do candidato. Ademais, os estudos preliminares já estavam todos prontos e eram do conhecimento de quem, como ele, procurava entender os problemas que afligiam a nação e que seriam, certamente, cobrados de seu governo, caso fosse eleito. Ocorria, entretanto, àquela época, que o candidato não podia tratar e muito menos propor à nação o problema da mudança da capital. A UDN nacional, o Rio de Janeiro e São Paulo, adversários políticos, arrasariam sua candidatura no nascedouro. Basta-nos lembrar a luta que foi travada por adversários políticos, pela imprensa do Rio e de São Paulo, marcadamente "o Globo", "O Correio da Manhã", "O

Jornal do Brasil", "A Folha de São Paulo", "O Estadão", "O Diário de Notícias", contra a mudança. Mesmo depois de eleito, essa campanha continuaria. Comandadas pela UDN, essas poderosas forças arrasariam sua candidatura. Era preciso um clamor público. Alguém, que não fosse ele, teria de dar o sinal de partida. O povo deveria manifestar-se. E isto fazia parte da estratégia de candidato. Ele não poderia propor-se a realizar a mudança; embora a idéia tenha vindo dos tempos coloniais, atravessado o Império, a República, ninguém realizou a heróica façanha. Era preciso que o povo se manifestasse. Assim, a partir de Jataí, depois de histórico questionamento da mudança da capital, as manifestações favoráveis e as cobranças nos comícios explodiram por todo o país. Todos os encontros, em praça pública, ou não, da campanha, tinham agora um forte apelo à mudança. Era o que faltava. O projeto era nacional, vinha das massas. Não era um projeto do candidato. O candidato o recolhia das manifestações calorosas do povo

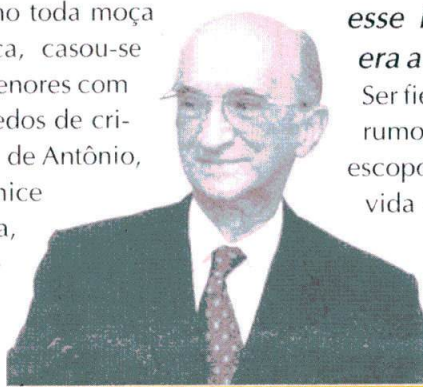
brasileiro. O candidato agora tinha liberdade de anunciar ao povo brasileiro a heróica e tão desejada mudança da capital do Rio de Janeiro para o interior do Brasil. Seria a conquista de imenso território vazio a reclamar da nação seu efetivo uso econômico. Sua definitiva ocupação. Os estudos realizados pela Missão Cruls, em 1892, e as tantas outras providências tomadas pelas Comissões dos generais Polli Coelho e José Pessoa, para a mudança da capital para o interior do país, teria agora seus resultados apreciados e realizados pelo candidato que se apresentava ao povo brasileiro, pela primeira e única vez na história de nosso Brasil, com um programa de governo colocado na realização de 30 metas, agora acrescido de sua meta-síntese: Brasília. Assim, nem Brasília, nem o Programa de Metas do governo JK foram improvisações ou jactância demagógica em busca de votos. As 30 metas mais Brasília e mais democracia

“
Brasília,
meta-síntese,
já fazia
parte das
preocupações
de JK
”



Enorme saudade que tenho da convivência com Juscelino

imediações de Juiz de Fora, onde estavam assentando novos trilhos. Lucina, como toda moça pobre do interior, àquela época, casou-se muito cedo. Ficaram os quatro menores com mamãe. Vida do interior, brinquedos de crianças, criatividade extraordinária de Antônio, o mais velho dos quatro. Meninice saudável, alegre, despreocupada, sem os dramas, riscos, perigos e exemplos danosos à formação do caráter das crianças, como se verifica na sociedade atual. Deixei as ruas de pedras de Diamantina, seguindo com minha mãe para Pirapora, em busca da casa de minha avó Mundinha. Fui nadar no Rio São Francisco.



4 Sua vocação foi inspirada no Mártir da Independência, Tiradentes, Patrono da valorosa Polícia Militar de Minas Gerais. Como foi sua carreira militar e quais as surpresas que ela lhe reservou?

Determinei que faria minha carreira militar em 20 anos. À época, era considerado vaidoso e fora da realidade. Assumi comigo o compromisso de ser assim. Trabalhei, estudei, fiz todos os cursos e exames que me propiciassem realizar meu sonho. Não tirei férias, a não ser aquelas obrigatórias, em virtude dos cursos que fazia. Nunca baixei ao hospital. Estava sempre pronto para o serviço, como se dizia então. Passei por vários cargos, exerci várias funções, vi-me envolvido na política, dirigi entidades civis e, depois de tanto andar, de perflustar caminhos agrestes, estradas nem sempre largas e ensombradas, depois de ter passado pelos palácios do poder, vejo-me louco de saudade e cheio de vontade de voltar ao meu primeiro lugar, aos braços de minha Polícia Militar de Minas

Gerais, de conviver com meus amigos e colegas, conviver com aqueles que, como eu, ainda resistem e com os que, novos, jovens, poderão dar-me a alegria de rever-me em sua juventude e em seu trabalho. Jovens que hoje ocupam os velhos lugares de seus antecessores, com mais brilhantismo, talvez, mas, estou certo, com o mesmo acendrado amor à velha Corporação, que é o retrato e a imagem de nossa Minas Gerais. Mas, voltar como, se hoje tenho aqui uma missão a cumprir, enquanto vida tiver?

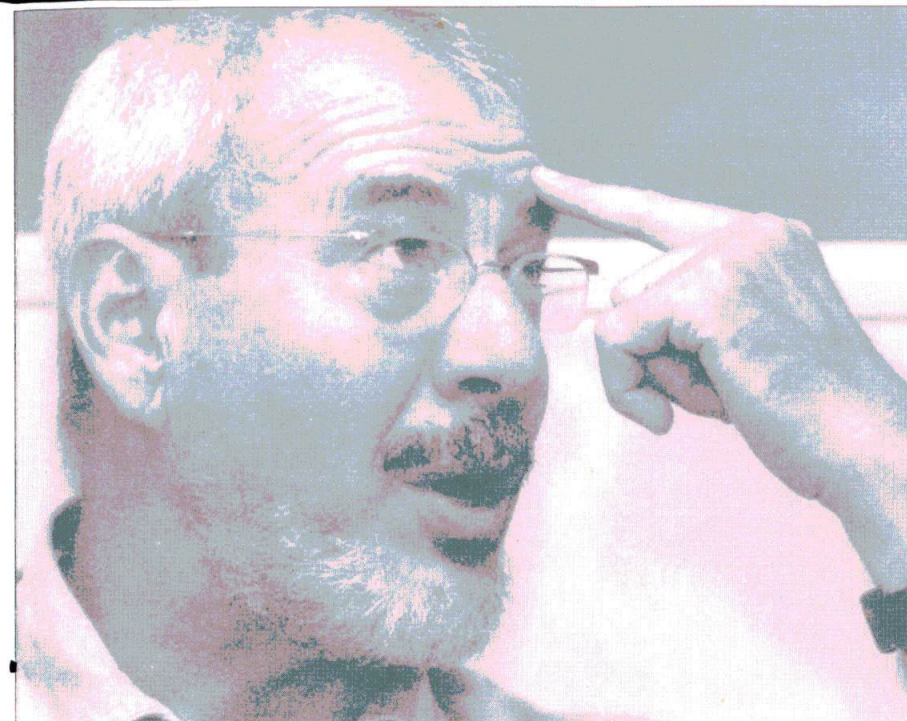
5 Amigo e escudeiro de Juscelino, o primeiro "bom-dia" e o último "boa-noite" eram seus, tanto no governo de Minas como na Presidência do Brasil. Como foi esse histórico convívio, onde ser fiel era a sua oração de cada dia?

Ser fiel ao homem que deu nova face e novos rumos ao Brasil é, ainda hoje, e, sobretudo, o escopo e os objetivos que tracei para minha vida – depois do golpe terrível sofrido por meu amigo JK. O "bom dia" e o "boa noite", como você ressalta, estão marcados no meu sentimento, na minha memória e na enorme saudade que tenho da convivência com Juscelino por todos aqueles gloriosos anos de

sua vida, quando deu ao Brasil o melhor de si, revelando ao mundo o grande povo e o grande país que se aloja aqui nesta tão sofrida América do Sul, vítima da ganância e da usura dos povos que se dizem de Primeiro Mundo. Talvez, esta revelação tenha sido uma das cruéis causas de sua cassação e de sua, – até hoje posta em dúvida – morte num fatídico desastre de automóvel na Via Dutra. Hoje, antes de dormir, fixo nele meu pensamento. Ao despertar, é sua imagem, seu exemplo que me vem à memória. Assim, meus dias serão sempre dedicados à evocação da grande figura humana e do homem público que foi Juscelino.

6 Você foi um dos principais coordenadores e executores das "30 metas". Como surgiu a "meta-síntese" Brasília?

Coordenador, talvez sim. Executivo, não. Como subchefe do Gabinete Civil da Presidência da República, tinha, em meu gabinete, além das atividades ligadas ao Ministério do Trabalho, Agricultura e Dasp, outras funções. Estas sim, muito ligadas ao exercício do controle pessoal do presidente, sobre suas metas e sobre os vários, diversos e diferentes inte-



"É bom para
ouvir a resposta dos
caras aos livros, para
saber como eles
entendem"

Cultural Banco Brasil (CCBB) e outra no Teatro do Sesc, na 913 Sul. Agora que a peça foi a Mato Grosso do Sul, em março deste ano, vai a Goiás e volta a ser encenada em Taguatinga e Brasília, na Sala Martins Penna. "É uma brincadeira com o dia-a-dia de uma menina que não tem tempo para brincar. Faz balé, natação, inglês e informática".

Trajatória

Formado em jornalismo há 30 anos, pela Universidade Católica de Pelotas (RS), foi para Florianópolis (SC), onde trabalhou até outubro de 1977, ano em que veio para Brasília. Trabalhou no "Jornal de Brasília", passou pelo "Correio Braziliense", Câmara dos Deputados e Senado Federal. Em 1982, recebeu o Prêmio Bial Nestlé de Literatura.

Divisor de águas

A literatura juvenil pode ser dividida em duas fases – uma trabalha com personagens mais ingênuos e tramas mais simples que atingem uma garotada de até 12 anos; a outra reflete a mudança que ocorre nas 6ª e 7ª séries, com jovens de 13 a 14 anos. "Enquanto os garotos de 12 anos gostam mais de livros de mistério, policial, com muita movimentação e humor, nas 6ª e 7ª séries há uma mudança", explica o escritor, ressaltando que nessa fase há um amadurecimento e a garotada já começa a preferir livros sobre problemas sociais, que sejam condizentes com a rea-



lidade dela. Entre eles estão namoro, sexo, amor, e também o risco de sair de casa. É nessa fase que eles já têm idéia dos problemas da rua, como a violência.

Como exemplo de literatura para jovens da 7ª série, cita o livro *Agueira do lanche* – em que narra a história de meninos de uma gangue que roubam o lanche dos colegas. Outro divertido é *Um velho velhaco e seu neto bundão*, que conta a história de um neto esperto e seu avô picareta, malandro.

A partir daí o autor amadurece junto com seu público: escreve histórias com temas mais densos e fortes, como *Nadando contra a morte*. O caráter dramático desse livro se deve ao fato de o autor ter lido, nos jornais, casos de mulheres que jogam o filho na lixeira do bloco ou debaixo de uma árvore, na impossibilidade de criá-los.

Esse aspecto da literatura juvenil é explicado pelas professoras que trabalham nessa área. "Elas dizem que as meninas amadurecem mais cedo, já são mocinhas, enquanto os meninos com 12 a 13 anos são bobões. Na 7ª série, por exemplo, as meninas são totalmente amadurecidas, arru-

madinhas, os guris são desarrumados ...", ilustra Cazarré.

Família presente

A família do escritor – mulher e três filhos – se encaixa na sua vida profissional. "Esse é meu primeiro público. Tenho leitores cativos em casa". Sua primeira leitora é sua mulher. Depois os filhos. Atende sugestões de todos. Numa ocasião, um de seus filhos sugeriu que invertesse a ordem dos capítulos, e o autor viu que ele tinha razão. "A família participa das leituras, ajudando-me do começo ao fim."

Vendagem

O escritor trabalha com as duas maiores editoras do Brasil – a Ática e a Saraiva – que mantêm um esquema de divulgação excelente. As edições variam entre 13 e 25 mil exemplares. De acordo com Cazarré, o padrão brasileiro das tiragens é de 3 mil exemplares, vendidos em até dois anos.

"Para mim, a tarefa foi um desafio, porque o que faz o escritor, senão diálogos?"



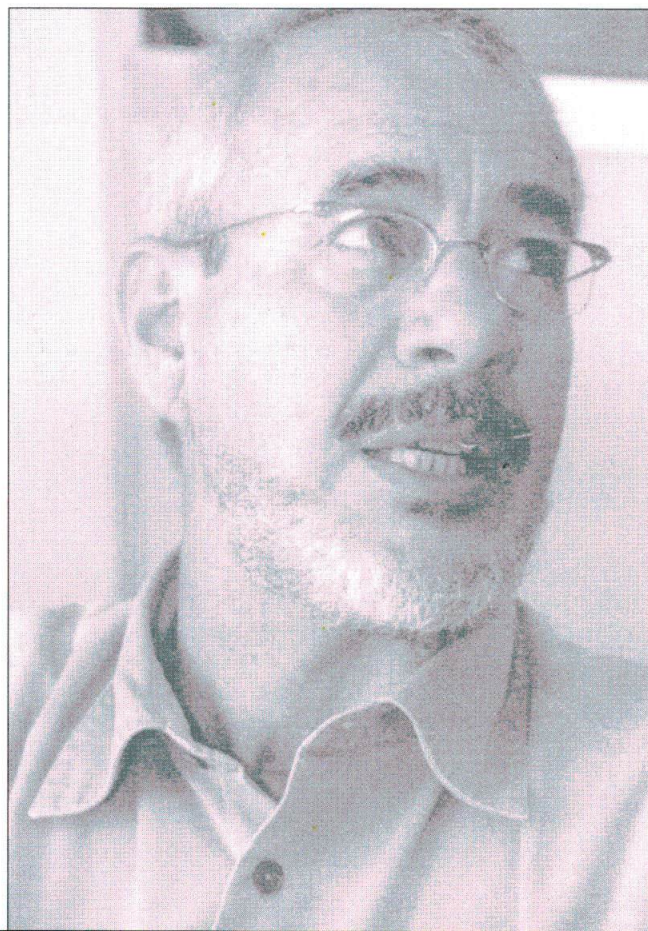
Cazarré tem em torno de 10 livros que já estão na décima edição, portanto, 10 livros que já venderam entre 30 e 50 mil exemplares.

Ao ver seu trabalho dedicado nesses 27 anos à literatura juvenil, com 20 livros publicados, acredita que tem livros de boa qualidade. Percebe isso, quando

recebe elogios por livros como: *Nadando contra a morte*, *Um velho velhaco e seu neto bundão*, *Isso não é um filme americano* – é o que mais vende, e *Quem matou o mestre de matemática* (suspense em torno da morte do professor que era o horror do colégio). "Esse livro vende muito", destaca.

Além da literatura juvenil, também atua na área de contos adultos. "Até agora tenho cinco livros de contos para adultos, todos premiados", esclarece.

Cazarré explica que o escritor, tão logo encerra uma obra, esquece-a e já está preocupado com a próxima. "Não gosto de repetir a fórmula. Pode ter dado certo, mas tenho de fazer outra coisa. Tenho sempre a expectativa de fazer um livro melhor e diferente. A maioria dos escritores tem esse desafio de escrever uma coisa nova, diferente e melhor", garante.



7 perguntas

do Poeta Newton Rossi ao Escritor

Affonso Heliodoro

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal

“ Com dona Júlia aprendi a me comportar na sociedade ”

1 Onde nasceu e como foi sua infância?

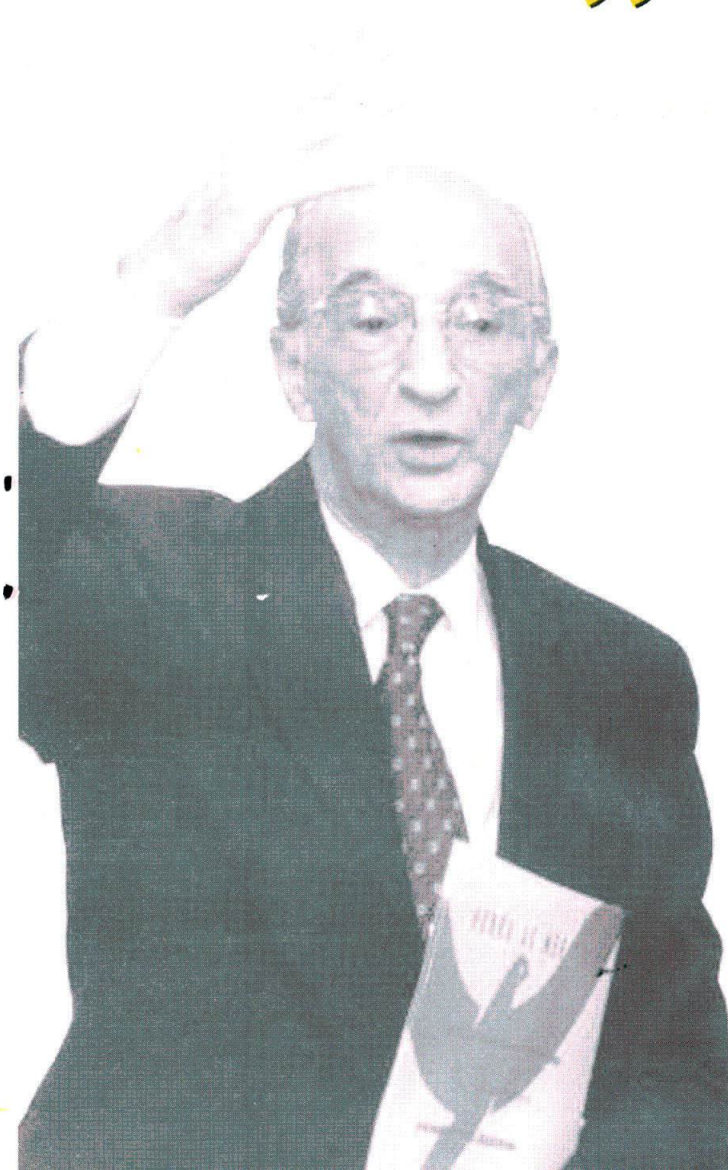
Nasci, mercê de Deus, em Diamantina – infância pobre, porém alegre, como toda infância na minha cidade. No dia em que completava sete anos de idade, perdi o pai. Mamãe ficou com sete filhos menores para criar e educar.

2 Aluno da Professora Júlia Kubitschek, mãe de Juscelino, com ela você deve ter aprendido muito mais do que somar e dividir. Qual foi sua maior lição?

O Grupo Escolar Mata Machado funcionava onde hoje é a sede da prefeitura da cidade. Com a mestra Júlia, além das primeiras e definitivas letras, aprendi muita coisa. Seu comportamento, suas palavras, seus conselhos, seu comando, sua orientação, seus ensinamentos iam muito além do currículo escolar daquela época. A gente saía da escola primária pronto para enfrentar os exames para o curso médio, o curso ginasial. Com dona Júlia aprendi a me comportar na sociedade. Era a educadora e a mãe, que se completavam na legendaria Mestra Júlia.

3 A esperança de todo jovem diamantinense era estudar em Belo Horizonte... Como foi sua experiência ao ter de deixar as ruas de pedras, por onde a história passou, e onde os seresteiros acalentavam os sonhos de um povo romântico e otimista?

Não cheguei a ter esperança de estudar em Belo Horizonte. A morte de meu pai mudou os rumos de nossas vidas. Os irmãos mais velhos, Oswaldo e Lucina, alunos da Escola Normal de Diamantina, tiveram de deixar a escola. Bilé, o terceiro, afastou-se e foi trabalhar na Estrada de Ferro Central do Brasil, nas



e a outra correspon-
de. O fato de a gente
amar não significa
que a outra tenha de
amar também. Amor
é incondicional. É
química. Independe
da vontade do outro.
Paralisada, meio pate-
ta ouvindo Thiago
discorrer sobre o
amor. Sem saber o
que dizer, limitei-me
a olhar para os seus
olhos; fitava o seu
rosto em busca de
uma expressão afeti-
va, mas nada, seu
rosto permanecia frio
enquanto ele falava,
falava, repetindo a
mesma teoria de amor.
Enquanto ele falava e falava,
sem parar, eu ali, olhando para
ele, sentindo a morte na alma.
Parecia que ele estava me dizen-
do: o fato de você me amar não
significa que eu deva amá-la tam-
bém, Mariana. Ele me olhava
com um certo ressentimento,
como que me acusando de amá-
lo e querer que ele me amasse
igualmente. Acabei ficando irri-
tada. Foi então que pegou um
copo que estava à mesa, ao lado
de seu prato e disse: "Não basta
eu amar esse copo, e esse copo
ter forçosamente de me amar". Já
não me contendo de indignação
eu retruquei: "Que comparação
mais idiota, meu Deus!" E então
ele me perguntou: "E você,
Mariana, como você entende o
amor?" Contendo o pranto e a
decepção, respondi-lhe: "Eu não
sei nada sobre o amor, eu nunca
amei". E ele, espantado com
minha reação inesperada, res-
pondeu: "Bem, eu sei que eu é
que nunca amei". Sem saber o
que dizer, falei: "Bom apetite!"
"Bom apetite", ele fez coro. E ini-

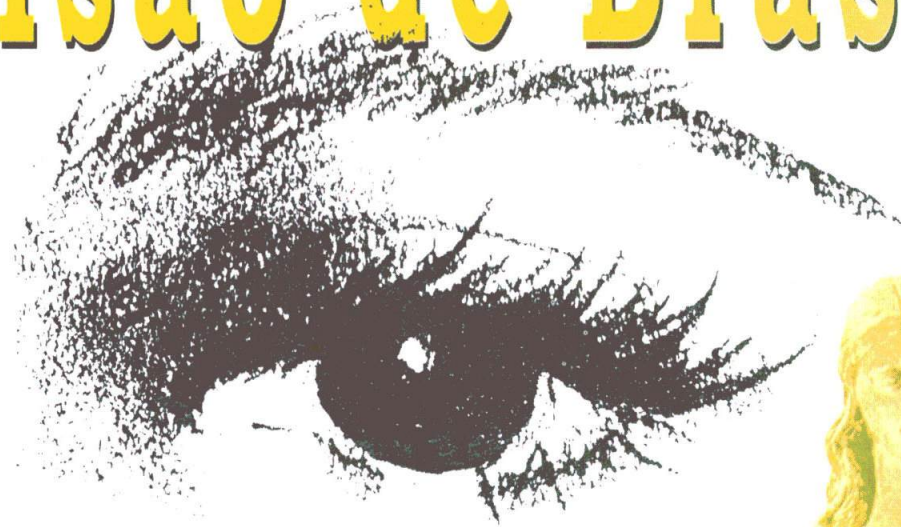


ciamos o jantar, em silêncio, até
que ele indagou: "Você foi à
Goiânia esse fim de semana?
Telefonei para você, e o telefone
não atendeu". Foi então que me
lembrei de que quando cheguei
em casa à uma hora da manhã,
ao voltar da domingueira dan-
çante, e encontrei o número do
telefone do sítio dele, no bina, eu
menti... "É, viajei." "Quando você
voltou?" "Na segunda-feira", res-
pondi lacônica. "E a empregada
de sua mãe já se restabeleceu da
cirurgia?", ele indagou. "Ainda
não, ela continua com a outra
empregada", respondi. "Você
ainda está fazendo fisioterapia?"
"Estou, mas o ombro ainda está
deslocado. Espero o resultado
(uma ressonância magnética) da
última consultã, para saber o que
o médico vai dizer". "Continua
fazendo ginástica no parque?"
"Não, desde a entrada do horário
de verão que eu parei. Não quero
acordar cedo, mas continuo
caminhando. Hoje fui ao super-

mercado andando e,
pela manhã, vim de
sua casa andando".
"Mas por que você
não me disse?"
"Como dizer-lhe,
você nem sequer se
levantou quando eu
cheguei. Thiago,
você nem sequer me
olhou". "É que eu
estava muito atarefa-
do para terminar um
projeto que deveria
entregar em seguida.
Mas você poderia ter
esperado, eu lhe
dava uma carona
quando fosse para o
trabalho". Assunto
bobo, sem continuação.
O clima estava carregado.

Terminamos o jantar pratica-
mente em silêncio. Até me
esqueci de oferecer-lhe o doce
de manga que eu havia feito para
a sobremesa. Em seguida fomos
ver TV no meu quarto, ele arredio
e eu muda como uma pedra. Uns
quarenta minutos depois ele se
despediu e foi embora, decepci-
onado. Eu fiquei com um aperto
na garganta. Desliguei a TV e fui
fazer minhas orações da noite.
Em seguida apaguei a luz do quar-
to e fechei os olhos, mas nada de
o sono chegar. Lá pela alta
madrugada acordei com um aper-
to no coração e os olhos molha-
dos, com a sensação de que tudo
havia acabado de vez. Foi uma
noite comprida e o dia, então...
nada de passar. O telefone tocou
sem parar, mas nenhuma vez era a
sua voz do outro lado da linha.
Anos e anos amei uma persona-
gem que se escondia por detrás de
máscaras. Máscaras que foram
sendo reveladas ao longo do tem-
po. "Eu, pedaço de árvore torta,
caminho com a tranquilidade de
cerrados inquietos..."

Visão de Brasília



□ HENRIQUES DO CERRO AZUL

Quando ponho os meus olhos deslumbrados
Nesse milagre do trabalho humano,
Eu recordo aquele Hércules vesano
Com seus doze prodígios realizados.

A Grécia teve um só: rude e tirano!
- por todas as regiões, todos os lados,
Sua fama espalhou com os resultados
Que produziu seu esforço insano.

Que se dirá deste Brasil mais tarde,
Que a força a tantos Hércules anima,
Se a Grécia por um só fez tanto alarde?

Brasília é o testemunho de granito
Que eleva nossa Pátria muito acima
E da Grécia, Roma, Babilônia e Egito!



BRAS

Meu testemunho

□ MANUEL MENDES

Brasília está aí, à vista de todos, bonita, pujante, "centro das altas decisões do país", como queria seu criador Juscelino Kubitschek. Parece incrível que esta cidade tenha apenas 45 anos. E difícil de acreditar, até mesmo por nós, pioneiros, que tivemos a ventura de aqui chegar em 1957, quando se rasgavam as primeiras vias e se cavavam as primeiras fundações dos prédios magníficos que hoje emprestam tanta beleza à Capital, graças ao gênio de Oscar Niemeyer.

Mas, falar de hoje, da cidade do nosso cotidiano, é dizer o óbvio. Prefiro voltar ao passado, sobretudo porque a maior parte dos que vivem na Brasília dos nossos dias não participou da epopéia de sua construção. Das noites silenciosas e escuras, da lama, da poeira irritante, do medo do *barbeiro* escondido em alguma fresta dos barracos de madeira que formavam os acampamentos, do isolamento agravado pela falta de meios de comunicação e de luz, do desconforto, da dúvida de que naquele cerrado vazio pudesse se construir uma cidade em pouco mais de três anos, partindo-se do nada.

E a dúvida não era só nossa, era

1957



Fotos Manoel Mendes

A placa, mandada fazer pela Fundação da Casa Popular, lembrando a polêmica sobre a construção de Brasília

do Brasil inteiro, em especial dos meios de comunicação que, em sua grande maioria, não aprovavam a construção da cidade. Logo que chegávamos às terras da futura capital, na saída do "aeroporto", uma grande placa lembrava essa polêmica: "Brasília, alguns contra, muitos a favor, todos beneficiados." Era, na verdade, uma informação otimista, pois a maioria era contra e poucos a favor. Mas, a teimosia de Juscelino, a dureza e a perseverança de Israel Pinheiro, o presidente

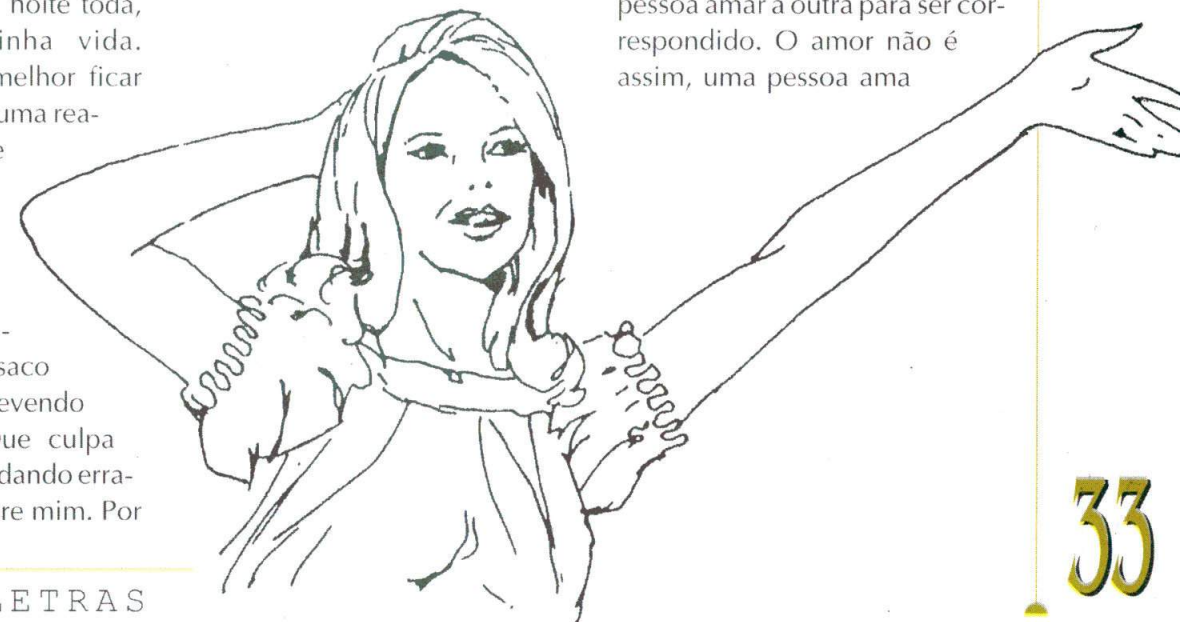
da então todo-poderosa Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) e a disposição de milhares de candangos anônimos fizeram a diferença.

Na volta ao passado, começo com o ponto onde pus os pés, pela primeira vez, nas terras deste vasto Planalto Central: a estação de passageiros do "aeroporto" de então. Era a primeira de Brasília naquele local. Começara a funcionar em setembro de 1957 e não passava de um simples e acanhado barracão

e chega de mentiras. A vida não é tão ruim quanto parece ser. Thiago deixou mensagem. Isso vem provar que ele pensa em mim. Paro para refletir sobre algumas coisas que estão me incomodando há algum tempo. Por exemplo, algumas pessoas que não sabem o significado do verbo "compartilhar". Que porcaria, por que o egoísmo existe? Como pode uma pessoa tornar-se egoísta até mesmo perante pessoas próximas, uma pessoa incapaz de compartilhar coisas mais importantes, como o amor? Não entendo. Definitivamente, não entendo o Thiago. Há mais de vinte anos juntos e não sou capaz de entender algumas de suas atitudes. Já faz algum tempo que eu só posso ser feliz em meus sonhos. Só nos meus sonhos a realidade vivida é muito mais interessante do que o "mundo real" que sou obrigada a aceitar como sendo correto. Só posso ser bonita, amada, acarinhada em meus sonhos. Posso viajar e viver mil e uma noites de paixão e felicidade, posso matar a saudade de um ente querido e ficar mais realizada (só esse último motivo já desbanca qualquer pessoa de ficar acordada). Ah, se eu pudesse ficaria dormindo o dia todo, a noite toda, pelo resto de minha vida. Definitivamente, é melhor ficar dormindo e vivendo uma realidade abstrata e inconsciente, que continuar no meio deste caos generalizado que é a vida supostamente moderna... Estou de saco cheio de ficar escrevendo para as paredes. Que culpa tenho eu se tudo está dando errado? Não sei falar sobre mim. Por



isso falarei sobre algumas pessoas que considero muito importantes na minha vida. Pessoas que passaram ou ainda pairam em minha vida... Hoje falarei sobre alguém muito especial. Ninguém menos do que Thiago. Descobri uma coisa (infelizmente). Para afastar minhas suspeitas, caí na cola de Thiago e ele se aborreceu. Se aborreceu, não, se zangou de verdade. É sempre



assim, a gente se desentende sem mais nem menos. Sinto ciúme, insegurança, sentindo que não sou amada. Sua tola, isso não é amor, é falta de amor próprio. Ao seu lado, meu coração palpita mais forte; o suor torna-se intenso; minha temperatura sobe e desce vertiginosamente, apenas por pensar em Thiago. Isso não é amor, é paixão. Discutimos por qualquer motivo; morremos de ciúmes um do outro e brigamos por qualquer coisa; nem sempre fazemos os mesmos planos; não gostamos de fazer as mesmas coisas ou irmos aos mesmos lugares; mas sexualmente combinamos perfeitamente. Isso não é amor, é desejo. Quando ele viaja ou não vem me ver nos fins de semana, minha vida fica vazia sem a sua presença. Não consigo me imaginar sozinha e mantenho um relacionamento que tudo indica já acabou. Sua boboca, isso não é amor, é dependência.. Noutro dia Thiago me disse: "Eu não estou mais a fim, Mariana. Eu não estou mais a fim! Você telefona demais. Você me sufoca. Quando eu chegar de viagem, precisamos conversar". Agora vem me pregar suas teorias sobre o amor. Amor não é como você pensa, Mariana. Não basta uma pessoa amar a outra para ser correspondido. O amor não é assim, uma pessoa ama

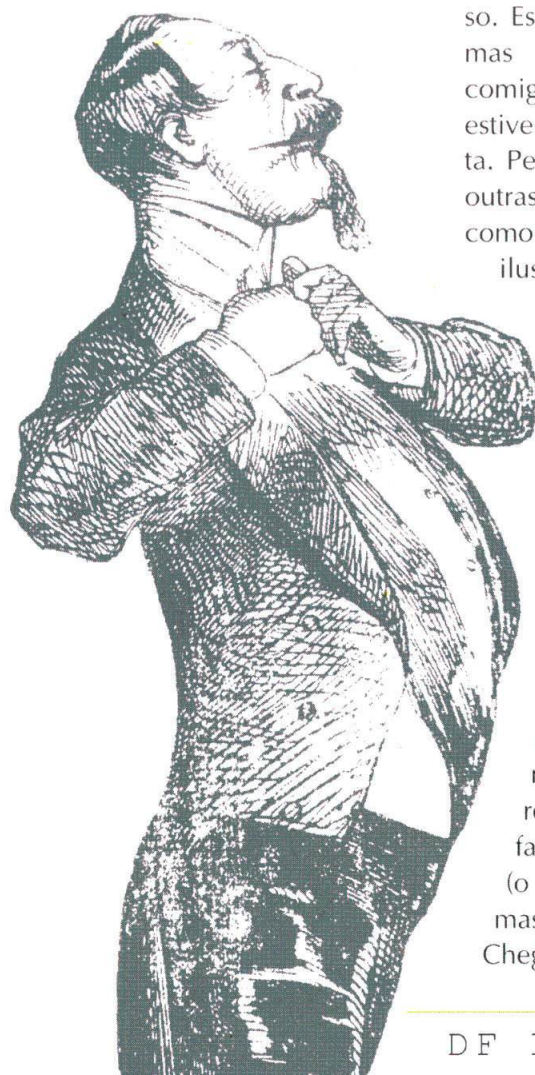


MÁSCARAS

“Escrever já é um tipo de máscara que se usa para enxergar o mundo”
(NIETZSCHE)

□ MARIA DALVA J. GUIMARÃES
(Madellon)

Caramba, eu e minhas maluquices. Coisas estranhas acontecem... Total confusão emocional. Gente que eu não conheço vem me questionar sobre coisas que não interessam a ninguém. Pessoas que eu conheço (e muito bem) não me questionam sobre nada. Pessoas que eu achava que não se importavam comigo se importam! E pessoas que deveriam se importar não estão nem aí. Coisas estranhas acontecem... Um dia a gente perde e no outro a gente é derrotado... A paixão acabou. Onde está a coragem? Cadê o lirismo e a fantasia? Não chore, sua tola. Eu repetia para mim mesma. Os homens são assim mesmo. É, realmente as coisas não são como a gente pensa. Um dia eu sou ferida, em outro, também. Um dia me sinto isolada do mundo, outro dia isolada da vida. Dias inconstantes, momentos surreais. Thiago me fez de palhaça durante tanto tempo. O que há de errado comigo?... Falsidades, mentiras, brigas, bei-



jos, choro, lágrimas, amor... Saudades, saudades, saudades... Não é fácil conviver com elas. Mas dói demais e você sabe disso. Estive pensando sobre algumas coisas que aconteceram comigo recentemente. Acho que estive agindo como perfeita idiota. Perdoei uma traição, aceitei outras, acreditei em mentiras como se fossem verdades, vivi ilusões, distanciei-me de pessoas que faziam um bem enorme a mim... E estou eu aqui, me lamentando em vez de tomar uma atitude e mudar dessa vidinha crédula e insensata.... ai ai... Estou sendo insensata e incoerente. O que adianta ficar me lamentando como uma idiota, se ninguém me vê, ninguém me dá bola? Ou melhor, o que adianta ficar reclamando das coisas sem fazer nada para modificá-las (o pior de tudo é que eu faço, mas, isso não vem ao caso...) Chega de deprê, chega de testes

DF LETRAS

ÍLIA

45 anos

1957

de madeira, na área onde agora se instala o VI Comando Aéreo Regional (Comar). Tinha forma retangular, com piso de cimento. A pequena pista de pouso era de asfalto e foi, depois, incorporada à pista atual. Este terminal aéreo seria, com o passar dos anos, substituído por dois outros maiores, também de madeira, antes de se chegar ao moderno terminal de hoje. O caminho que tomávamos para a área do Plano Piloto, uma estradinha de terra, provisória, passava entre as QI 1 e QI 3, no Lago Sul. O lago não existia, nem as casas. Havia um córrego que era atravessado por uma ponte de toras de madeira, mais ou menos na área onde hoje está a ponte que leva ao Centro Comercial Gilberto Salomão.

Na verdade, o primeiro aeroporto de Brasília, que funcionou até agosto de 1957, era uma pista de terra, construída ao lado de uma velha casa da fazenda do Gama, onde se instalou um sistema de rádio para orientar os pilotos. A casa servia ainda como “estação de passageiros” e ficava na área hoje ocupada pelo Country Clube. Os aviões de então, que aqui operavam, com a frequência de uma ou duas vezes por dia, eram os velhos e resistentes DC-3.

A área onde agora brilha a cidade era um deserto em termos de ocupação. Os lugarejos mais próximos, Luziânia e Planaltina, pouco tinham a oferecer. Com a total ausência de infra-estrutura, a cons-



O Palácio foi inaugurado em julho de 1958

trução de Brasília foi feita em quatro etapas diferentes. Na primeira, foram usadas barracas de lona para o desmatamento e demarcações. Na segunda, criou-se o Núcleo Bandeirante, com casas de madeira, e que serviria de apoio para a construção dos acampamentos das firmas e dos órgãos públicos, principalmente a Novacap, instalada em dois grandes barracões, onde hoje fica a Candangolândia. Eu e mais outros colegas do antigo Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (Ipase), fomos alojados num barraco de madeira bruta, cheio de frestas, que servia como escritório e dormitório para o nosso pequeno grupo pioneiro formado por nove

pessoas, todas vindas do Instituto, no Rio, onde deixamos esposas e filhos.

O “escritório”, que ficava na área verde da SQS 207, tinha uma divisão no meio, ficando de um lado três mesas de trabalho, um fichário de aço e duas pranchetas de desenho; do outro, um pequeno almoxarifado, com estoques de tintas, pregos, serrotes, martelos, roupas de cama e uma caixa com medicamentos para primeiros-socorros. À noite, dormíamos ali mesmo, em camas de lona, de armar. Fazíamos as refeições numa longa mesa de tábuas brutas. A comida era preparada por um cozinheiro, num fogão de lenha, debaixo de um telheiro. Como não havia geladeira – não

DF LETRAS



O Hospital Distrital – agora Hospital de Base – em final de construção

havia sequer eletricidade! – a comida era sempre feita com as compras do dia, no Núcleo Bandeirante. Para iluminação, usávamos lâmpadas de querosene, de pressão. A situação era mais ou menos a mesma nos demais acampamentos.

A partir dali, saímos para a terceira etapa da construção da nova capital, erguendo barracões maiores e que abrigariam grupos geradores, alojamento para centenas de operários, com refeitório e cozinha, alojamento para funcionários e uma cantina para reuniões e refeições, casas para engenheiros e funcionários graduados, posto médico, um amplo escritório e galpões para o almoxarifado central e depósitos de materiais, uma balança para caminhões, bombas de gasolina e óleo, oficina e carpintaria. Tudo em madeira e de caráter provisório, pois seria posto abaixo quando a obra se completasse. Partindo-se do nada, todas as firmas ou instituições públicas tinham que completar essa etapa, tomando um tempo precioso do curto espaço que se tinha até a data fixada para a instalação da Capital: 21 de abril de 1960. Todas essas etapas, absolutamente necessárias,



O Congresso Nacional, no início da construção

representavam, também, um gasto extra apreciável antes mesmo de se iniciar a primeira fundação de um prédio, ou seja, a construção da própria cidade.

Outro gasto extra corria por conta da distância dos centros de produção da maioria dos materiais necessários à construção. O cimento para as obras dos institutos vinha de trem até Vianópolis. De lá para Brasília, em caminhões por

estradas de terra cheias de buraco e muita poeira na época seca e atoleiros intermináveis na estação chuvosa. O mesmo acontecia com a madeira que vinha do Paraná e o ferro que vinha do Rio, de São Paulo e de Minas.

A Novacap cuidava das obras dos prédios necessários à instalação dos poderes da República, com recursos da União, além da infraestrutura da futura cidade. A cons-



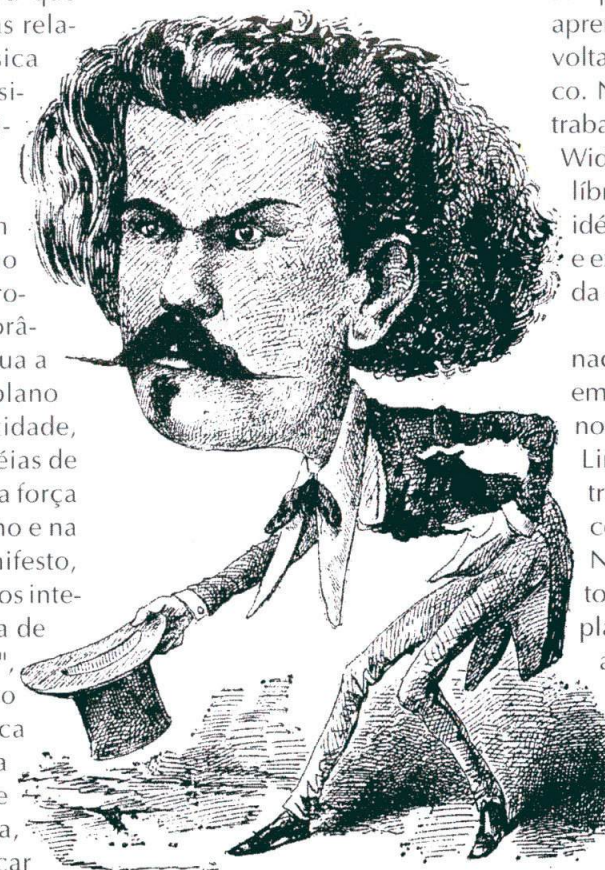
Os Ministérios, ainda em estrutura metálica, ao fundo. Em primeiro plano, filho e irmão do autor

lar, ao se tratar do expoente máximo da criação nacional, Heitor Villa-Lobos, responsável por desencadear o mais expressivo e significativo momento da história musical brasileira do século XX, sendo que dos elos dessa conquista resultariam formas de expressão e tentativas diversas no fazer música "nos moldes do Brasil".

Numa contraproposta ao movimento andradiano, Hans-Joachim Koellreutter, radicado há alguns anos no Brasil, fundou em 1938 o grupo Música Viva, que teria papel significativo na propagação de técnicas contemporâneas da música européia, sobretudo o dodecafonismo. O Música Viva transformou-se na mais ativa célula de renovação do país, contribuindo eficazmente para que se pensassem os problemas relacionados ao ensino da música (especialmente a composição), incentivando a atividade musical em grupo e organizando concertos. No Manifesto, lançado em 1944, o grupo surge como uma porta que se abre à produção musical contemporânea, numa filosofia que situa a obra musical em primeiro plano no trabalho artístico da entidade, que promete lutar pelas idéias de um mundo novo, crendo na força criadora do espírito humano e na arte do futuro. Outro manifesto, de 1946, é apresentado pelos integrantes do grupo em forma de "Declaração de Princípios", que se desenvolve em cinco pontos básicos: 1) a música como produto social, 2) a música como expressão de uma cultura e de uma época, 3) a necessidade de se educar para a nova música, 4) a con-

cepção utilitária da arte, 5) a postura revolucionária essencial.

O Música Viva firmou-se como um alicerce histórico-cultural-ideológico que influenciou o desenvolvimento da música nova brasileira nas décadas que se seguiram, inclusive lançando os alicerces do que seria mais tarde o Grupo de Compositores da Bahia que, liderado por Ernst Widmer, gerou um verdadeiro impulso no campo da música brasileira contemporânea, convertendo-se numa das molas propulsoras de uma manifestação cultural que se alastrou pelo país. Além de Widmer, a Escola de Composição da Bahia contou com vários outros compositores brasileiros, dentre eles Lindembergue Cardoso, que foi um



Carlos Gomes

de seus principais representantes na década de 1960.

Lindembergue (1939-1989) começou sua carreira musical ainda em tenra idade, tocando em bandas e conjuntos de música popular. Segundo afirma em seu *Causos de músico*, aos oito anos de idade já tocava e cantava de tudo em seu conjunto musical *Flautas de mamão*. O repertório vinha de músicas populares ouvidas no rádio, principalmente Luiz Gonzaga e Bob Nelson, além de dobrados e polcas. Durante sua juventude na cidade de Livramento (BA), participou de várias atividades musicais, tocando em festas comemorativas e religiosas (algumas alusivas ao folclore), velórios e enterros. Lindembergue foi sempre um autêntico e dedicado aprendiz, absorvendo tudo à sua volta para formar seu perfil estético. No período em que estudou e trabalhou sob a orientação de Ernst Widmer, aprendeu a lição do equilíbrio e da predominância da idéia musical. Sua obra, moderna e expressiva, é o exemplo mesmo da estética musical baiana.

Do ponto de vista musical, o nacionalismo e o Música Viva, embora divergentes, fundiram-se no fazer musical adotado por Lindembergue Cardoso, que os transformou numa expressão condizente com a cultura do Nordeste e do Brasil como um todo. Já no que se refere ao plano filosófico, ambos defendiam que a arte musical deveria destinar-se a uma concepção social e educacional.

Valdenora Pereira - Cantora lírica e mestra em Música pela Universidade Federal de Goiás, sob a orientação do Prof. Dr. Ângelo Dias

B I B L I O G R A F I A

CARDOSO, Lindembergue. *Causos de músico*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1994 [publicação póstuma].
– Série Pesquisa Escolar: produção e guia de fontes, subsérie Personalidades. Secretaria de Educação do estado da Bahia. Salvador: Boanova, 1998.
KATER, Carlos Elias. *Música Viva e H. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade*. São Paulo: Musa Editora: atravez, 2001.
MARCONDES, Marcos A. *Enciclopédia da música brasileira: popular, erudita e folclórica*. 3. ed. 1ª reimp. São Paulo: Art Editora;

Publiólha, 2003.
NEVES, José Maria. *Música contemporânea brasileira*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1981.
SADIE, Stanley. *Dicionário Grove de música*. Ed. concisa. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
TRAVASSOS, Elizabeth. *Modernismo e música brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
TRIBUNA DA BAHIA. *Acontece - Cultura*, Salvador, quarta-feira, 30 ago. 1989.

A música brasileira

no século XX e alguns de seus principais representantes

□ VALDENORA PEREIRA

Já no início do século XX, o movimento nacionalista buscava uma forma de expressão condizente com a nossa realidade estética.

Um fato curioso na trajetória musical brasileira, a partir do século XX, foi uma forte imbricação de elementos musicais e idéias de caráter estético-cultural nacionalista que proporcionaram aos compositores o fazer música "com a cara do Brasil". O nacionalismo musical brasileiro já estava em voga, ainda que de forma incipiente, desde o último quartel do século XIX. A idéia do canto erudito em português não era inteiramente nova. Quase meio século antes, para a companhia Ópera Lírica Nacional, Carlos Gomes

(1836-1896) já escrevera duas óperas em vernáculo, *A noite no castelo* (1861) e *Joana de Flandres* (1863). Além disso,

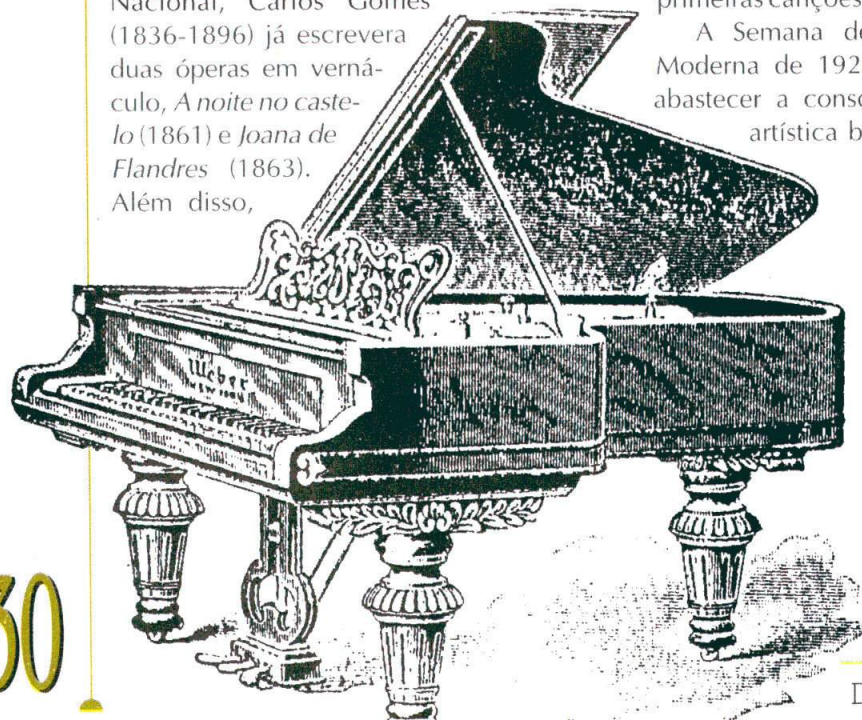
algumas de suas canções de câmara, incluindo a famosa *Quem sabe*, apesar de escritas numa linguagem musical italianizada, também compreendiam poemas em português.

Alberto Nepomuceno (1864-1920), por exemplo, dividiu toda uma geração ao defender a criação de uma legítima canção de arte nacional, cantada em português, valendo-se de poetas e escritores brasileiros. Apesar de sua linguagem musical ser européia quanto à concepção musical – de um romantismo que oscilava entre o *Lied* e a *mélodie* – o compositor abriu espaço para uma discussão que culminaria nos esforços do jovem Villa-Lobos ao escrever suas primeiras canções.

A Semana de Arte Moderna de 1922 veio abastecer a consciência artística brasilei-

ra, senão de uma nova linguagem, pelo menos de uma intenção consciente de buscá-la, consolidando-se como emblema da evolução do fazer artístico nacional, na música e nas artes em geral. O nacionalismo que desponta nos anos 20 é detentor da principal proposta para a arte musical, sob o ideário de Mário de Andrade, principal teórico do movimento, e de Villa-Lobos, mais importante compositor da nova geração. Villa-Lobos e Mário de Andrade estavam equiparados no plano filosófico da música, como guias de uma nova ordem estética, sendo que o primeiro também defendia que a obra de arte deveria destinar-se duplamente ao social e ao educativo. Os jovens compositores dos anos 20 lançavam-se, a toda brida, às atividades composicionais e aos estudos do folclore brasileiro, sob a orientação direta ou indireta de Mário de Andrade. Detecta-se, nesse engajamento ideológico, o surgimento da corrente nacionalista andradiana, que predominou entre os anos de 1922 e 1945, e que perdurou, ainda que arrefecida, mesmo após a morte de seu pensador maior.

A fase inicial do modernismo musical brasileiro espelhou-se na influência difusa de várias tendências, representadas originalmente por produções do período de 1920 a 1930. Isto é evidente, em particu-



1958



O primeiro terminal do aeroporto

1958



A Catedral

trução dos apartamentos e casas ficou nas mãos dos diversos Institutos de Aposentadoria e Pensão e de outros órgãos como a Fundação da Casa Popular. Naquela época, o INSS não existia. Em seu lugar, instituições independentes, os conhecidos IAPs, que cuidavam da aposentadoria, assistência médica e carteira imobiliária dos seus segurados conforme a qualificação de cada um. Tínhamos o IAPI dos industriários, o IAPC dos comerciantes, o IAPB dos bancários, o Iapetec dos empregados em transportes e cargas, o IAPM dos marítimos, o Iapase dos funcionários públicos federais, etc.

O presidente Juscelino determi-

nou então que as carteiras imobiliárias de cada um desses órgãos investissem na construção de imóveis para seus segurados apenas em Brasília. E a Novacap distribuiu as quadras e superquadras onde cada um deveria construir. O IAPI ficou com as SQS 105 e 305, além de quadras nas quatrocentos; ao IAPC coube as SQS 106 e 306; o Iapetec ficou com a 107 e 307; o IAPB com a 108 e 308; o IAPM com a 205; o Iapase com as SQS 206, 207 e 208. A fundação da Casa Popular ficou com vários lotes na W5 Sul. Essas quadras, todas na Asa Sul, formaram o núcleo habitacional de Brasília na época da instalação da Capital.

Paralelamente, a Novacap administrava a construção das grandes obras públicas: os palácios, os ministérios, os tribunais, o congresso, a rodoviária, as vias asfaltadas, o sistema de esgoto e de águas, tudo enfim que permitiria a instalação dos poderes da República e seus servidores quando a nova Capital fosse inaugurada.

Grandes firmas, com milhares de operários e um ritmo de trabalho de 10 ou 12 horas por dia, faziam do Plano Piloto um vasto e ativo canteiro de obras. Foi assim que no dia 21 de abril, com grandes solenidades, a Capital do país deu as costas para o mar, virando-se para o vasto Brasil até então esquecido, deste imenso e rico Planalto Central. Era uma nova etapa da história pátria que se iniciava. E hoje não há como negar que o sonho de Juscelino realizou-se em toda a sua plenitude quando, em sua primeira visita à região, ele profetizou: "Desto Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

Manuel Mendes, jornalista, fotógrafo e funcionário público, publicou vários artigos no "Correio Braziliense", além de uma coluna sobre vida diplomática, que começou a escrever em fevereiro de 1964, parando apenas no final de dezembro de 1992. Publicou ainda os livros *Meu testemunho de Brasília* e *O cerrado de casaca*. Fez muitas fotos da construção e as doou ao Arquivo Público do DF. Possui doze condecorações estrangeiras e quatro nacionais. Aos 79 anos de idade, 48 deles vividos em Brasília, pretende reeditar seus livros, há muito esgotados. Apaixonado pela cidade que ajudou a construir, irrita-se com as agressões que Brasília vem sofrendo ao longo dos anos e com as mentiras fantasiosas que muitos contam sobre a construção da cidade. Ele se coloca à disposição de colégios e de outras instituições para fazer palestra, ilustrando-a com sua coleção de fotos, sem nada cobrar. Telefone: (61) 248-2839.

E-mail: manuel-pessoa@uol.com.br

2005

O ano dos cinquentenários

□ JARBAS MARQUES

No ano que se finda, Getúlio Dornelles Vargas foi reverenciado pelo cinquentenário do seu suicídio e pelo que fez pelo Brasil, emulando as bases sociais e econômicas de um Estado Nacional moderno que rompeu com a estrutura agrária de uma dependente monocultura. No entanto, não se fez justiça à participação do seu governo no cumprimento do primado constitucional da localização, demarcação e transferência da Capital Federal para o Planalto Central brasileiro.

No dia 8 de junho de 1953, o presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto nº 32.976, que criou a Comissão de Localização da Nova Capital Federal para proceder aos estudos definitivos para a escolha do sítio e da área da nova capital e, por consequência, do Distrito Federal. Vargas nomeou para a presidência da Comissão o general Agnaldo Caiado de Castro, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República.

Imediatamente após ser empossado, o general Agnaldo Caiado de Castro contratou a Cruzeiro do Sul Aerofotogrametria para proceder ao levantamento aerofotogramétrico do Retângulo do Congresso (os 52.000 quilômetros quadrados autorizados pelo Congresso Nacional), na área compreendida entre os paralelos sul 15° 30' e 17° e os meridianos W.Gr. 46° 30'. Em janeiro de 1954 a Cruzeiro do Sul concluiu os trabalhos de aerofotogrametria e já no dia 25 de fevereiro a empresa

Donald J. Belcher and Associates Incorporated, sediada em Ithaca, Estados Unidos da América, foi contratada para proceder aos estudos de fotoanálise e de fotointerpretação para a seleção dos sítios mais favoráveis à localização da nova capital federal na área definida pela Lei nº 1.803, de 5 de janeiro de 1953, que passou à história como o "Retângulo do Congresso".

Getúlio Vargas suicida-se em 24 de agosto de 1954 e assume a Presidência da República o vice-presidente João Café Filho.

“ Se está
na Constituição, eu vou
transferir ”

Juscelino Kubitschek



SEGUNDA PARTE

D. Pedro falou e disse: Independência ou morte!
E o povo que andava triste
Comemorou a sua sorte.

Exilado na Europa, sofrido, Gilberto Gil fez eco às palavras de John Lennon:

O sonho acabou
E foi pesado o sono
Pra quem não sonhou
Quem não dormiu no "sleeping-bag"
Nem sequer sonhou.

Getúlio Vargas não foi esquecido. Edgar Ferreira pinçou uma frase de sua carta-testamento:

Ele disse muito bem
O povo de quem fui escravo
Não será escravo de ninguém.

Um aforismo latino moldou-se em belo samba de Paquito, Romeu Gentil e Zé da Zilda:

Você notou que eu estou tão diferente
A água lava, lava tudo
A água só não lava a língua dessa gente.

A interação com a literatura mostra versatilidade e informação. Recordar é viver está na "Ceia dos cardeais" de Júlio Dantas e no belo samba de Aldacyr Louro, Aluísio Martins e A. Macedo, gravado por Gilberto Alves para o carnaval de 1955:

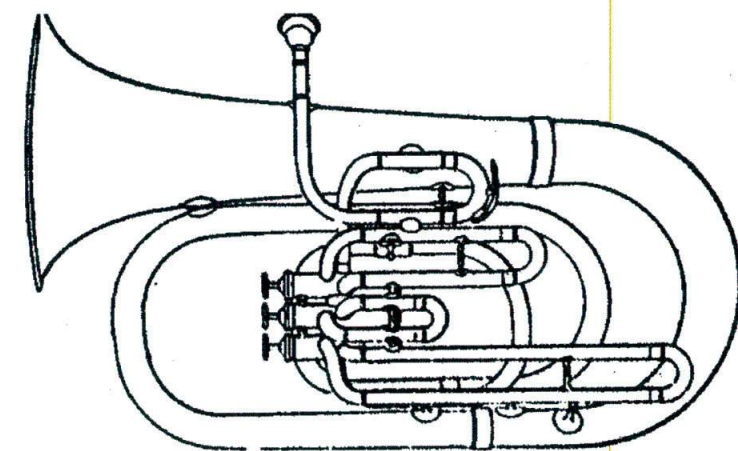
Recordar é viver
Eu ontem sonhei com você.

E na composição de Freire Jr:

Recordar é viver
Diz o velho ditado
Recordar é sofrer as mágoas do passado.

Portugal surge de novo. Das "Palavras de pório", de Fernando Pessoa, recolhidas de Plutarco, surge a frase "Navegar é preciso; viver não é preciso." Caetano a usa com rara felicidade no seu emocionante "Os argonautas":

O barco meu coração não agüenta
Tanta tormenta
Alegria meu coração não contenta
O dia, o marco, meu coração
O porto não
Navegar é preciso
Viver não é preciso.



O samba é de 1959. Walter Levita e Oldemar Magalhães pedem ajuda a Gonçalves Dias. Pela letra se vê que nada mudou:

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
Tem cachaça, tem mulata
Tem também muita mamata
Mas dá galho se falar.

Shakespeare é figurinha fácil. Luiz Reis e Miguel Gustavo abordam "Romeu e Julieta":

Noite encontrei o meu caminho
A noite é uma criança
Que precisa de carinho.

Outro duo de respeitados autores requisita o primeiro verso do monólogo de *Hamlet*: José Maria de Abreu e Alberto Ribeiro:

Ser ou não ser, há de ser sempre a questão
Ser ou não ser meu, teu coração.

A metáfora "pescar em brancas nuvens" surgia da poesia "Ilusões na vida", de Francisco Otaviano:

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu (...)

Satyro de Melo e Jorge Murad exageraram:

Quem na orgia um trago não bebeu
Não passou pela vida, não viveu.

Esta pesquisa mostra por que a música brasileira é a mais versátil do mundo, não só em ritmo mas também na maestria com que os letristas, oriundos de qualquer classe social, moldam os mais variados temas.

SEGUNDA PARTE

E a mulher que muito anda
Sempre dá o que falar.

"Nem vem" é uma marcha defensiva de Álvaro Matos, Aristides Filho e Marçal Areias:

Nem vem de garfo que hoje é sopa
Nem vem de faca que hoje é colher.

Gamação bem amarrada é a do talentoso Monsueto:

Nosso amor não fecha pra balanço
Não dá feriado
Nosso amor é um nó molhado.

Frases célebres, aforismas, citações de obras literárias e bíblicas surgem nas obras. "A tua cruz", gravada em 1960, cita Oséias:

Chegou, chegou o momento
De pagar tua maldade
Tu semeaste o vento
Vais colher a tempestade.

"Cheiro de saudade", de Djalma Ferreira e Luiz Antonio foi da fase áurea de Milton:

Quem semeia vento colhe tempestade
Quem plantar amor colhe saudade.

A Pena de Talião é ameaça com Cacilda de Assis:

É olho por olho, é dente por dente
Vou amansar esta serpente.

Zé Maranhão e Daniel Santos fazem coro:

Dente por dente, olho por olho
Se tentar me enganar
Bota a barba de molho.



A resposta de Jesus aos fariseus está no samba de Estanislau Silva e Américo Seixas, bem imodesto:

A César o que é de César
A Deus o que é de Deus
Apesar de ser um César
Não tenho os carinhos seus.

Nos dias de glória da Rádio Nacional, César de Alencar foi um apresentador de auditório de extraordinária fama. Em 1964, com a deflagração do golpe militar, visando chegar à direção da empresa, passou a delatar os colegas aos órgãos de repressão. Pagou com o ostracismo:

A César o que é de César
Se é de César pra que negar
Afim qual é o César?
César de Roma ou César de Alencar?

Outra frase bíblica que inspirou antológico samba de Mário Lago e Ataulpho Alves:

Covarde sei que me podem chamar
Porque não calo no peito esta dor
Atire a primeira pedra, ai, ai, ai
Aquele que não sofreu por amor.

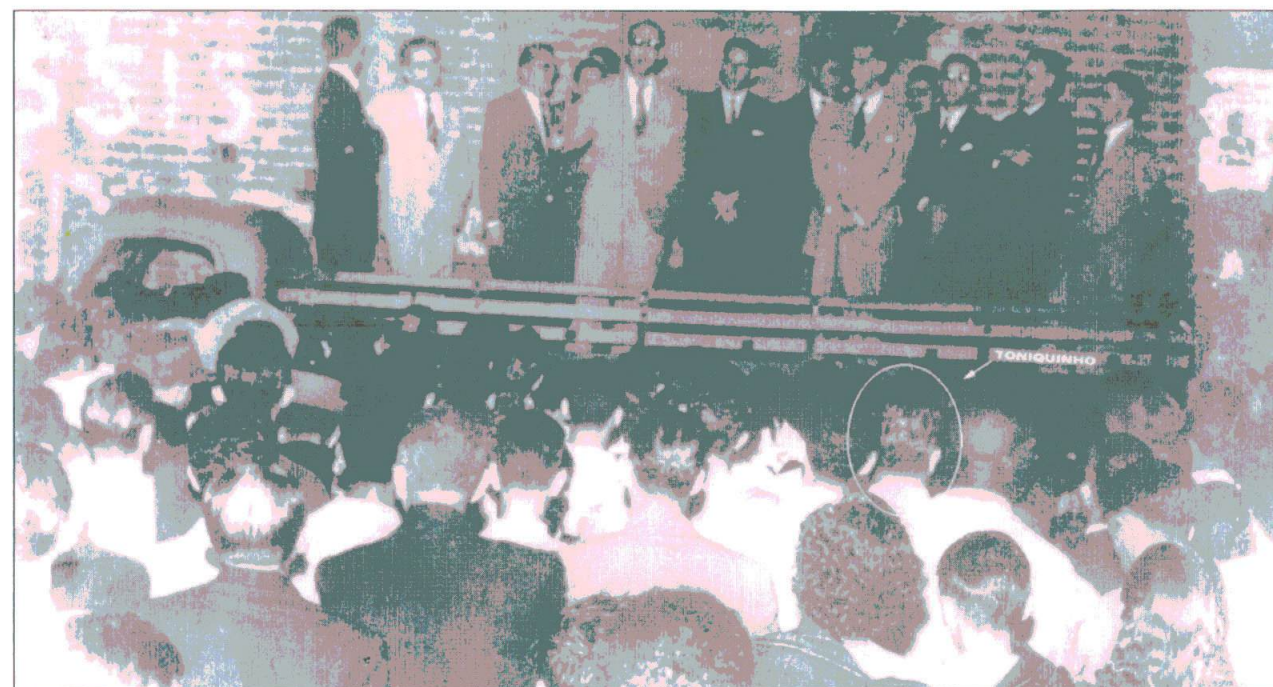
"Aos pés da cruz", de Marino Pinto e Zé da Zilda, popularizam Pascal com originalidade:

Aos pés da santa cruz
Você se ajoelhou (...)
O coração tem razões
Que a própria razão desconhece
Faz promessas e juras
E depois esquece.

Da parceria Noel Rosa e Orestes Barbosa só poderia surgir algo especial como "Positivismo":

A verdade, meu amor, mora num poço
É Pilatos, lá na Bíblia quem nos diz
E também faleceu por ter pescoço
O autor da guilhotina de Paris (...)
O amor vem por princípio, a ordem por base
O progresso é que deve vir por fim
Desprezaste esta lei de Augusto Comte
E foste ser feliz longe de mim.

D. Pedro I faz ecoar o brado retumbante desabafando o mau-humor contra a coroa e a dor de barriga que o atormentavam naquele dia. O que chega aos compositores é o grito da história oficial. Haja louva-minha como a de Lélío França:



**Foto de 4 abril de 1955
em Jataí-GO, quando,
em visita à cidade, Juscelino
prometeu mudar
a Capital do Brasil
para o Planalto Central**

Demitido o general Agnaldo Caiado de Castro, Café Filho convidou o marechal José Pessoa para presidir a Comissão de Localização da Nova Capital, que imediatamente reconhece a qualidade técnica e científica dos trabalhos da empresa Donald Belcher e a importância deles para abreviar o tempo da escolha para o local da edificação da futura Capital da República, providenciando ainda o pagamento das prestações atrasadas devidas à empresa americana.

No dia 5 de fevereiro de 1955, o vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, esperava em Planaltina o marechal José Pessoa, o seu ajudante-de-ordens e secretário da Comissão, capitão Ernesto Silva, e o marechal Mário Travassos, com um comboio de seis jeeps. Depois de andar pelo cerrado por mais de quatro horas, chegaram ao ponto mais alto do Sítio Castanho (1.172 metros), onde é hoje o Cruzeiro, no Eixo Monumental, próximo ao Memorial JK. No dizer do doutor Ernesto Silva, ali "é a pedra fundamental de Brasília".

De volta ao Rio de Janeiro, o

marechal Pessoa designou uma subcomissão para fixar os critérios e normas técnicas para a comparação dos vários locais no "Retângulo do Congresso" e a seleção dos cinco sítios elaborados pelo Relatório Belcher. Durante o mês de março de 1955, três engenheiros desta subcomissão passaram a fazer manobras dilatórias para prolongar, por tempo indeterminado, a escolha imediata do sítio definitivo. Sentindo essas manobras, Ernesto Silva, que era o secretário da Comissão de Localização, alertou o marechal Pessoa, e este decidiu ampliar a subcomissão, nomeando o engenheiro Raul Pena Firme como relator. Numa coincidência metafísica, no dia 4 de abril de 1955, à mesma hora em que Raul Pena Firme apresentava à Comissão as normas técnicas com base na Lei nº 1.803, de 5 de

janeiro de 1953, para o julgamento do melhor sítio dentre os cinco apresentados pela Donald Belcher, Juscelino Kubitschek de Oliveira fazia o seu primeiro comício de campanha à Presidência da República em Jataí, Goiás, e era questionado por Antônio Soares Neto, o Toniquinho, se iria cumprir a Constituição Federal. Ao responder afirmativamente, Toniquinho retrucou a JK: "Então o senhor vai transferir a Capital Federal para o Planalto Central!!!". Juscelino Kubitschek ficou paralisado por quase um minuto, respondendo em seguida: "Se está na Constituição, eu vou transferir".

Nesse momento, Brasília passou a ser a "Meta Síntese" do Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek.

No dia 15 de abril de 1955, já com os critérios elaborados pelo relator Raul Pena Firme, realizou-se a reunião que decidiu oficialmente pelo Sítio Castanho, onde hoje está edificada Brasília.

O marechal José Pessoa solicitou então uma audiência ao presidente da República, Café Filho, e é recebido no dia 28 de abril de 1955. Após expor todo o arrazoado

O fraseado imaginativo

do compositor popular

□ RENATO VIVACQUA

Continuamos nosso passeio pelo fascinante mundo da Música Popular e seu linguajar pitoresco. As mulheres, musas infalíveis, estão sempre em evidência na terminologia do nosso cancioneiro. A faixa etária delas é bom mote. "Broto" e "brotinho" surgiram para designar a menina-moça. Quem criou o termo foi o cronista Rubem Braga. Ele era muito observador e também chamava as alegres e exuberantes mulatas cariocas de "simp-lásticas". Em 1949 "brotinho" apareceu pela primeira vez numa composição popular: *Normalista*, de David Nasser e Herivelto Martins, sucesso estrondoso na voz de Nelson Gonçalves:

Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
No rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração em amor

Eu que trazia fechado
Dentro do peito guardado
Meu coração sem amor
Estou bastante inclinado
A entregá-lo aos cuidados
Daquele brotinho em flor.

No carnaval do ano seguinte puxou outro êxito: *Meu Brotinho*, cuja insólita autoria reuniu nada menos que dois "baiãozeiros": Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira:

Ai, ai, brotinho. Não cresça, meu brotinho
Nem murche como a flor
Eu sou um galho velho mas quero o seu amor.

Mas veio também a reação às ninfetas: no mesmo ano, Wilsom Batista e Nássara, dois cobrões, reverenciavam a mulher madura, imortalizada por Balzac:

Não quero broto, não quero, não quero não
Não sou garoto pra viver na ilusão.
Sete dias na semana
Eu preciso ver minha balzaquiana.

As mais passadas nos anos têm seus ardentes defensores. Exemplo disso é Sérgio Reis apregoando:

Não me interessa se ela é coroa
PANELA VELHA É QUE FAZ COMIDA BOA.

É realmente espantoso o painel de expressões criadas ou usadas com oportunismo. Bizarrras, divertidas. Vamos ao desfile: com "Está chato", do carnaval de 1952:

Tá chato, tá chato
Tá dando azia em bicarbonato.

Bruno Campos, Ivo Santos e Provenzano concordam com Sérgio Reis:

Por isso uma coroa eu não rejeito
Que é do coco velho que se tira o bom azeite.

O machismo de Ataulpho Alves é patente:

Nem que chova canivete, Odete
Nem se o sol refrigerar, Guiomar
Nem que cinco vire sete, Arlete
Eu não deixo a Guiomar sambar.

Mário Rabelo é outro extremista:

Perna de porco é presunto
Mão de vaca é mocotó
Quem quiser viver feliz
Deve sempre dormir só.

Capiba manda recado:

O homem em casa o dia inteiro
Só faz atrapalhar

do legal e técnico da escolha do Sítio do Castanho, solicita que o presidente da República baixe um decreto declarando de utilidade pública, para fins de desapropriação, o perímetro a se constituir o Distrito Federal.

Café Filho, aliado da UDN e dos antimudancistas, nega-se a mandar elaborar o decreto de desapropriação. Ato contínuo, em 29 de abril, o marechal Pessoa solicita um avião ao ministro da Aeronáutica e, acompanhado apenas de Ernesto Silva, se dirige a Goiânia. No dia seguinte, em audiência com o governador de Goiás, Juca Ludovico de Almeida, expõe o impasse e faz um apelo para que o Estado de Goiás, através de decreto estadual, declarasse de utilidade pública, para efeito de desapropriação, todas as terras dentro do perímetro já definido do futuro Distrito Federal.

Juca Ludovico faz a história avançar. Chama os procuradores Jorge de Moraes Jardim e Segismundo de Araújo Melo e estes propõem que fossem chamados os desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, favoráveis ao Movimento Mudancista, para buscar uma solução jurídica. As discussões arrastam-se até as três horas da manhã do dia 1º de maio e decide-se pela criação da Comissão de Cooperação para a Mudança da Capital Federal. Numa manobra política magistral, Juca Ludovico nomeia para presidir a Comissão o médico Altamiro de Moura

Pacheco, prócer da União Democrática Nacional (UDN) em Goiás, manobra que Juscelino Kubitschek iria repetir em 1956 ao nomear Iris Meinberg para a primeira diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap).

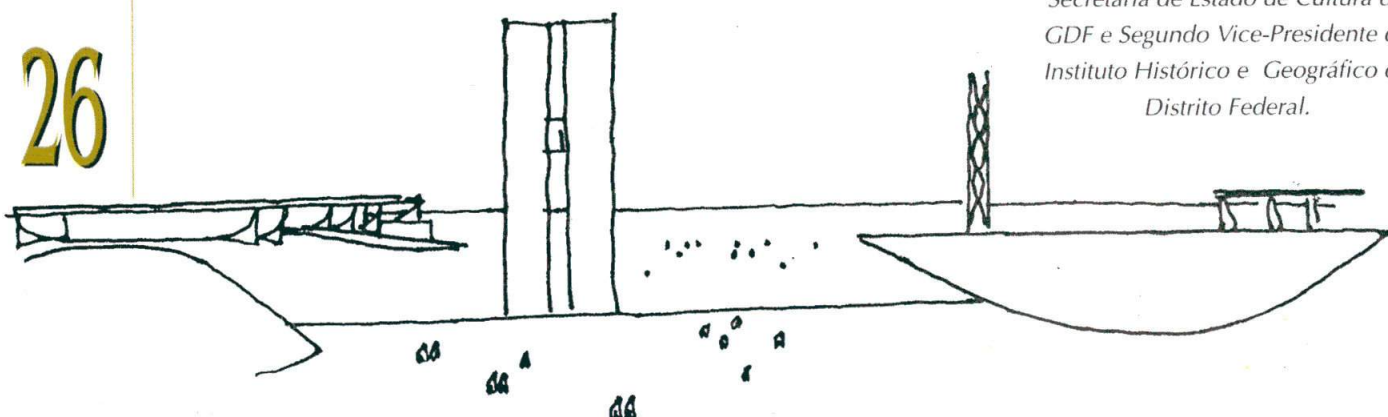
No dia 30 de dezembro de 1955, em solenidade realizada no Palácio das Esmeraldas, em Goiânia, Jorge Pelles e Jerônimo da Silva assinam a escritura de desapropriação amigável da Fazenda Bananal, que abriga hoje quase toda a área onde está edificada Brasília.

Sem a coragem e a determinação pessoal e política do marechal José Pessoa e o descortínio político e histórico do governador Juca Ludovico, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira e os milhares de candangos vindos de todos os rincões da Pátria não poderiam construir em pouco mais de 1.000 dias a Capital da República e oferecer ao mundo o Patrimônio Cultural da Humanidade que é Brasília.

Quase ia me esquecendo do cinquentenário artístico do pintor e muralista D. J. Oliveira que, a pedido do doutor Francisco Manoel Brandão, fez as primeiras obras de arte para os construtores da cidade, no Restaurante do SAPS na Candangolândia e que, inquestionavelmente, são o batismo cultural do Distrito Federal.

Marechal José Pessoa

Jarbas Silva Marques, Diretor de Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Estado de Cultura do GDF e Segundo Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.



José Edmar
(PRONA)

A maioria das pessoas que vêm para Brasília são atraídas por um sonho: conseguir uma vida melhor.

Isso inclui trabalho e moradia, basicamente. No tocante a moradia, existe uma grande dívida social perante aqueles cidadãos de menor renda. De acordo com o censo do IBGE do ano de 2000, existia um déficit de aproximadamente 85.000 moradias populares. Esse dado contrasta com as comemorações do aniversário de Brasília, que de fato muito tem para comemorar. Esperamos que no aniversário de cinquenta anos, essa dívida tenha sido liquidada.

**Leonardo Prudente**
(PFL)

Sonho de Juscelino Kubitschek, Brasília chega aos 45 anos consolidada como uma das principais capitais do mundo e patrimônio cultural da humanidade. Somos um povo alegre, solidário e com muita esperança no futuro. Para que novos sonhos se realizem, precisamos gerar emprego e renda, oferecer boas condições de saúde e educação, principalmente para que nossos filhos tenham oportunidade de continuar aqui, preservando nossa cidade.

**Odilon Aires**
(PMDB)

Minha maneira de homenagear Brasília é valorizar quem está diretamente ligado à sua história, à epopéia do surgimento de uma civilização em pleno cerrado: o servidor público, a quem devemos a consolidação do projeto de Lúcio Costa e Niemeyer. Os servidores deixaram suas terras, amigos e parentes e contribuíram para dotar a cidade de um dos mais elevados padrões de qualidade de vida do País. Apresentei projetos que reajustam o valor do vale-alimentação, criam plano de saúde para a categoria e estabelecem programas habitacionais para os servidores. Homenageio Brasília com propostas de valorização do servidor público.

**Peniel Pacheco**
(PSB)

É com muito orgulho que vejo Brasília amadurecendo e criando suas próprias raízes. Com um jeito único, ela encanta quem por aqui passa. Não há, em nenhum lugar do mundo, uma cidade como Brasília. Moro desde 1969 aqui, vim para a cidade quando eu tinha apenas 11 anos, e, embora mineiro de nascimento, me considero brasileiro de coração. Sinto-me feliz, pois é através do meu mandato, que me foi delegado pela população, que posso contribuir para a qualidade de vida dos cidadãos e, de maneira efetiva, para que a nossa cidade fique cada vez melhor.

**Júnior Brunelli**
(PP)

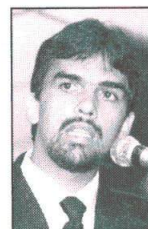
Brasília foi a concretização de um sonho, idealizado por Juscelino Kubitschek, o da integração nacional, da interiorização do crescimento econômico e da modernização do País. A capital de todos os brasileiros representa, nos dias de hoje, a síntese do novo e a capacidade de superação de um povo.

**Maria da Guia**
(PSDB)

Brasília, cidade jovem, pluralista e singular, cresce e se desenvolve com o avanço das diversas áreas. Merece destaque a emancipação da mulher, a busca pela ética e a liberdade de expressão. Quando se fala em transformação, sustentabilidade e organização, logo pensamos na geração dos fatores que contribuem para melhorar a igualdade de oportunidades. Cooperação, integração, parceria e ação são palavras-chave para o desenvolvimento do DF. Apesar do muito que já foi feito, muito mais temos a construir, edificar, empreender, criar, realizar pelo trabalho.

**Paulo Tadeu**
(PT)

Nos últimos anos, o estado priorizou muitas obras que vieram a se tornar cartão-postal da cidade, em detrimento do ser humano, do brasileiro, e do meio ambiente. A cidade precisa de ações que melhorem as condições de vida de sua população. Como deputado espero que construamos uma cidade para o brasileiro, não só com grandes obras, mas também com grandes benefícios para a comunidade.

**Wilson Lima**
(PRONA)

"Brasília é patrimônio histórico da humanidade. Em Brasília tudo é diversidade: o som, o sotaque, a culinária, os costumes, o visual. Este é um lugar que tem no pluralismo a marca da sua identidade cultural: Brasília nordestina, mineira, gaúcha, carioca, baiana". É com este sentimento que o deputado Wilson Lima vive e trabalha por esta cidade. Leis como a do Tempo Médio de Atendimento em Filas, Parto Solidário, Incentivo à Cultura e da Menor Carga Tributária a Micros e Pequenos Empresários são marcas deixadas em forma de luta e amor por Brasília.



DF

ENCARTE DA DF LETRAS
CÂMARA LEGISLATIVA

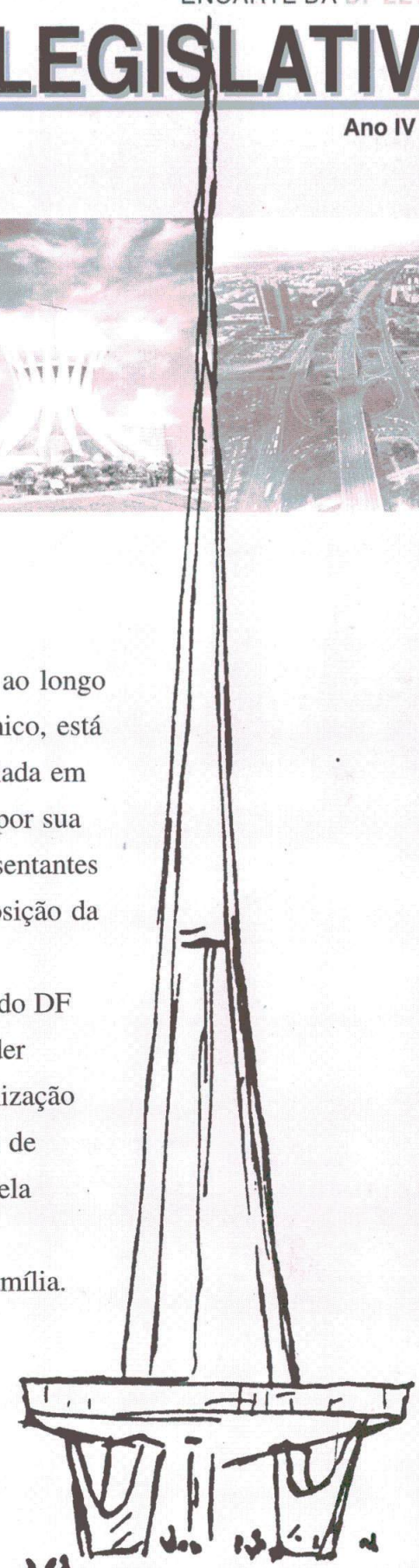
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Ano IV nº 14

**Brasília,** ao longo

de seus 45 anos de desenvolvimento social, cultural e econômico, está retratada através de sua história. A Câmara Legislativa foi criada em 1991, após intensa luta pela autonomia política do DF, sendo, por sua própria natureza, o mais democrático dos poderes, com representantes dos mais diversos partidos e ideologias, o que reflete a composição da própria sociedade.

A aprovação da Lei Orgânica em 1993 fez com que o governo do DF passasse a submeter suas ações à análise e fiscalização do Poder Legislativo, e a vigência dessa lei passou a estabelecer a organização dos poderes constituídos no DF, a política urbana e rural, além de ampliar e delimitar os direitos sociais garantidos ao cidadão pela Constituição Federal nas áreas de saúde, educação, cultura, comunicação social, defesa do consumidor e atendimento à família. Nesta edição alusiva aos 45 anos de Brasília, contamos com a participação dos deputados distritais da atual legislatura, que falam à DF Letras sobre suas opiniões e pontos de vista acerca da política social exercida na Câmara Legislativa.

Ricardo Wagner Ribeiro
jornalista

Agrício Braga
(PFL)

Ao longo dos seus 45 anos, Brasília surpreende a cada dia com suas construções modernas, com uma comunidade diversificada, pois abriga filhos de toda parte do País, e que dela se orgulham de fazer parte. E eu sou um desses filhos. Atuando em diversas áreas, tenho procurado priorizar o atendimento aos jovens, em especial aos mais carentes, direcionando suas vidas através do esporte.

**Anilcéia Machado**
(PMDB)

Brasília é a consolidação do sonho de JK. Reconhecida mundialmente como uma das mais belas cidades do mundo, chega aos 45 anos revitalizada por outro idealizador: Joaquim Roriz. A Ponte JK, o novo Centro de Convenções, as novas rodovias e tantas obras pela cidade consolidam a profecia de Juscelino. "Em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais (...) com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

**Augusto Carvalho**
(PPS)

De jovem a cidade adulta, Brasília nos mostra a capacidade empreendedora do povo brasileiro. Patrimônio cultural da humanidade, para orgulho de todos nós, requer, no entanto, toda nossa atenção para evitar o desvirtuamento de suas características arquitetônicas marcantes, além de cuidados especiais em relação ao meio ambiente, que será nosso legado às futuras gerações. Parabéns, Brasília. Conte sempre conosco.

**Chico Floresta**
(PT)

Brasília surgiu do sonho de Dom Bosco, foi erguida pela decisão corajosa de JK, tomou corpo no traço sensível e delicado de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer e virou realidade pela força do trabalho dos candangos. Hoje, aos 45 anos, Brasília é patrimônio cultural da humanidade. Mas, mais do que isso, é a nossa casa, é o nosso lar. Vamos cuidar bem de Brasília!

**Aguinaldo de Jesus**
(PMDB)

O desenvolvimento sustentável de Brasília nestes 45 anos de sua existência foi pautado por políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade de vida, articuladas com programas de investimento em infra-estrutura e nos sistemas logísticos. Contudo as transformações pautadas pela nova ordem econômica e social exigem avanço em direção ao crescimento econômico, à ampliação da capacidade de criação de novos empregos e à geração de renda.

**Arlete Sampaio**
(PT)

Aniversário de Brasília: dedico-me a construir uma cidade digna e justa que garanta qualidade de vida para todo o povo do Distrito Federal. Tenho como meta defender Brasília. Viva Brasília!

**Benício Tavares**
(PMDB)

A qualidade de vida conquistada pelos moradores de Brasília reflete a determinação e o poder de reivindicação de sua gente. Nesse sentido, a Câmara Legislativa é o canal indutor desse desenvolvimento, ao aprovar projetos que contribuem para gerar riquezas e cidadania para sua população. Parabéns para todos nós nos 45 anos de criação de Brasília!

**Chico Leite**
(PT)

Brasília foi concebida para lançar nova esperança aos brasileiros, especialmente aos brasilienses. Neste sentido, conduzimos nosso mandato com transparência e responsabilidade, visando à defesa dos direitos sociais, à ética na política, à fiscalização do governo, ao combate à corrupção, à preservação do patrimônio público e a um modelo próprio de desenvolvimento econômico, que traga empregos e que preserve o meio ambiente.

**Chico Vigilante**
(PT)

Em 45 anos, Brasília se transformou em celeiro da luta dos trabalhadores. Foi aqui que aconteceram importantes embates em prol da democracia e dos direitos dos cidadãos brasileiros. Brasília não acolheu somente a estrutura do poder formal, mas abraçou as causas de quem ainda não tinha voz. Aqui a luta dos trabalhadores se desenvolveu junto com a cidade. Sem distinção, ela adotou todas as causas, atraindo associações, sindicatos, federações e confederações. Parabéns, Brasília!

**Erika Kokay**
(PT)

Temos pautado nossa atuação pela defesa de Brasília como Patrimônio da Humanidade. Não visamos apenas à preservação desse patrimônio, o que já seria motivo suficiente de orgulho para todos nós, mas também à preservação das condições de qualidade de vida da cidade, reconhecidas por todo o mundo técnico-urbanístico e por todos os cidadãos que nela vivem ou que tenham a sorte de conhecê-la. Brasília reflete, como pode ser identificado no memorial do plano piloto de Lúcio Costa, uma proposta de vida, o que transcende em muito um simples novo desenho urbano.

**Expedito Bandeira**
(PMDB)

Há vários anos, por meio de diversos fóruns de debates, especialistas, representantes do setor e da sociedade propõem medidas que tornem o transporte coletivo mais eficiente, a fim de que a demanda, cada vez mais elevada, seja atendida. Com a implementação do Trânsito Inteligente e do Plano Diretor de Transportes, aliado ao trem-bala, o DF, mais uma vez, sai na frente e se destaca nesse setor, acabando de vez com o problema.

**Ivelise Longhi**
(PMDB)

Brasília, capital nacional, é o único bem contemporâneo em processo de formação considerado patrimônio cultural da humanidade. Tombá-la foi ato de extrema ousadia do qual muito nos orgulhamos. Vamos defender Brasília!

**Eliana Pedrosa**
(PFL)

Brasília é o próprio símbolo da modernidade, pois ao nascer tornou-se o protótipo das novas urbes e, por conseguinte, da nova civilização que surge sem que a maioria dos homens o perceba. Brasília significa exatamente a mudança, novos tempos, o surgimento de um novo paradigma que passa a orientar a Humanidade.

**Eurides Brito**
(PMDB)

Em quase meio século, a Capital superou inúmeros desafios. O governador Roriz tem feito um esforço hercúleo no sentido de evitar que o patrimônio da cidade fique ilhado por favelas. O ensino médio está perto de universalizar-se e os últimos testes têm mostrado o DF nos primeiros lugares da qualidade educacional. As redefinições têm sido realizadas ao longo da sua curta história, de modo a manter íntegro o Patrimônio da Humanidade.

**Fábio Barcellos**
(PFL)

A alta qualidade de vida de Brasília, proporcionada por uma das maiores rendas *per capita* do País, se deve, também, ao elevado número de crianças na escola e a uma segurança pública eficiente. Como policial civil, vejo aqui na Câmara Legislativa a oportunidade de encontrar soluções para diminuição dos índices de violência na cidade. É para isso que nós, deputados, trabalhamos. Queremos proporcionar aos brasilienses, a cada ano que passa, uma Brasília melhor.

**João de Deus**
(PMDB)

Aos quarenta e cinco anos, a jovem cidade de Brasília, a exemplo das grandes capitais, conta com problemas de segurança pública decorrentes do aumento da população, necessitando por isso de ações efetivas que visem à redução da violência e à melhoria de qualidade da segurança dos seus cidadãos.

